

JHONATAN LEAL DA COSTA

O SEGREDO OBS-CENO: SOLIDÃO E HOMOAFETIVIDADE EM DOIS CONTOS DE ANTONIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA

Campina Grande-PB 2011

JHONATAN LEAL DA COSTA

O SEGREDO OBS-CENO: SOLIDÃO E HOMOAFETIVIDADE EM DOIS CONTOS DE ANTONIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura sob a orientação do Professor:

Dr. Ricardo Soares.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C837i Costa, Jhonatan Leal da.

O segredo obs-ceno [manuscrito]: solidão e homo afetividade em dois contos de Antonio de Pádua Dias da Silva/ Jhonatan Leal da Costa. – 2011.

76 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento de Letras".

1. Literatura. 2. Homo afetividade. 3. Solidão. I. Título.

21. ed. CDD 155.92

Jhonatan Leal da Costa

O SEGREDO OBS-CENO: SOLIDÃO E HOMOAFETIVIDADE EM DOIS CONTOS DE ANTONIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA

Aprovada em 29 de Novembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Soares - UEPB (Orientador)

Francisca Iuleide Duarte de Souza

Prof^a. Dr^a. Francisca Zuleide Duarte – UEPB (Examinador)

Rosangela Maria Goares de Queirroz

Prof^a. Dr^a. Rosângela Maria Soares de Queiroz — UEPB (Examinador)

Média 10,00

Dedicatória

Para todos que, no decorrer dos séculos, lutaram como verdadeiros mártires, no desejo de que hoje eu pudesse ter o direito de realizar esta pesquisa sem ser rechaçado.

Agradecimentos

Nos últimos anos a Universidade foi para mim um grandioso lar. Como a minha televisão, as várias salas de aula por que passei me informaram e me transportaram para lugares e pensamentos infinitos. Na biblioteca pude encontrar, como nos antigos álbuns de fotografia da minha família, o passado congelado para que dele eu desfrutasse e absorvesse cada detalhe. A coordenação foi para mim o quarto dos meus pais: eu sabia que sempre que precisasse de algum tipo de ajuda, aquele seria o local ideal para eu tirar minhas dúvidas e dissolver meus problemas. Como uma aconchegante cozinha, a cantina me ofereceu fartos pedaços de descontração, recheados com conversas deliciosas, que só alunos de Letras são capazes de preparar. Mas era mesmo a Xerox, que assim como o meu escritório, sempre se fazia presente como se carregasse um exagerado aviso: você tem muito trabalho pela frente!

Mas eu divago em minhas lembranças de concreto. Sim, porque mais que os espaços, os cheiros, a profundeza dos sons dos valorosos ensinamentos, foram às pessoas – emolduradas e eternizadas nas paredes da minha memória – que realmente transformaram minha passagem pelo curso de Letras em uma experiência que, para ser aproveitada ao máximo, teria que ser repetida por mais pelo menos três vezes.

Em minha mente, possuo inúmeros corredores com imagens dos que merecem a minha mais profunda gratidão. Apesar de realizar uma pesquisa em que a solidão é tematizada, devo admitir que sua concretização só tornou-se possível porque não trilhei meu percurso sozinho. Por isso, nesta oportunidade, sou extremamente agradecido a todas essas pessoas que, de um modo ou de outro, me ajudaram. Este trabalho seria muito mais pobre sem a colaboração de:

Elsia Leal. Pelo exemplo diário de força, autoestima, solidariedade e simplicidade. Amo-te com tudo o que sou capaz de amar, acredite.

Maria Edite. Minha querida avó, sem dúvida a pessoa que me amou de forma mais fiel e devota até hoje.

José Galdino. O homem que me presenteou com a graça da vida e me roubou o direito de ter um pai genuíno, embora tenha tentado, á sua maneira, dar o que achava ser o mais importante para mim.

Jameson Leal. Meu irmão, com quem já dividi experiências felizes e dolorosas, e que hoje se faz presente em sua companhia invisível, embora necessária.

Eudes Leal. Por toda a influência positiva que teve na minha construção intelectual, sendo mais que um tio: um professor particular, o primeiro crítico literário com quem tive contato e o meu companheiro de leituras durante toda a minha adolescência.

Avós, tios(as) e primos(as). Pelas afetuosas lembranças que guardo até hoje.

Sávio, Socorro e Ana Luísa. Meus novos parentes, que têm me mostrado, dia após dia, que os vínculos de afeto são mais importantes que os sanguíneos.

Rafaella Cristina. A doce surpresa que encontrei na Universidade, a descoberta de uma irmã com quem compartilhei sonhos, incertezas e histórias inenarráveis.

Pollyana Cavalcante. A amizade que me provou que as semelhanças podem, e devem, prevalecer frente às diferenças.

Saulo de Tasso, Gutembergue Viana e Dione Dantas. Por terem me provado que são amigos essenciais, dispostos a se doar sem esperar nada em troca.

Judy. A pessoa mais importante para a minha conclusão no curso de Letras, apesar de que ela nunca chegará a ter conhecimento disso.

Rafael Queiroz. Pelas mais puras e desinteressadas demonstrações de amor.

Tainnan Barbora e Joana Camila. Por agirem como o contrapeso da minha vida, equilibrando as minhas obrigações da fase adulta com momentos lúdicos que me fazem voltar a ser criança.

Tiago Sousa, Fabrina, Katiusca, Stephanie, Haissa, Isa, Sirléia, Igor, Leandro, Valdézio, Sidney, Tarciano, Vítor Lima, Joseilton, Mayara, Paulo, Irene, Wilma, Viviane, Felpps e Joselito. Por me fazerem enxergar que a vida é transformação, embora alguns instantes, uma vez vivenciados, se tornam inalteráveis.

Ricardo Soares. Por ainda fazer questão de conservar qualidades um tanto esquecidas, como humanidade, gentileza e paciência. Se o leitor que se debruçar sobre este trabalho sentir que ele possui algum valor positivo, o crédito será certamente do

meu orientador, visto que no campo das pesquisas literárias ainda sou apenas um aprendiz.

Antonio de Pádua Dias da Silva. Por toda a sua humildade, e principalmente, por ter me introduzido nos Estudos de Gênero e Sexualidades, sendo um exemplo de profissional ao demonstrar um compromisso intenso e inspirador com as várias funções que exerce – todas convergindo para o aprimoramento humano.

Zuleide Duarte. Por ter me ensinado que não basta ser um professor de inteligência excepcional: os laços do saber são mais bem amarrados por nós de companheirismo e fraternidade.

Magliana Rodrigues. Por acreditar que as pessoas são passíveis de mudanças, e principalmente, por ter me conferido a oportunidade de mostrar isso.

Aos demais professores de graduação, por dividirem comigo um pouco do tesouro que levaram uma vida inteira para acumular: Diógenes Maciel, Lurdinha, Brito, Sérgio Rodrigues, Dalva Lobão, Roberta Queiroz, Tereza Neuma, Teresa Cristina, Angelina Duarte e Luciano Justino.

E por fim, e não menos importante, meu muito obrigado aos que tiveram a coragem de preferir ver seus corpos sendo estraçalhados para não terem que abrir mão de quem realmente acreditavam ser. A luta de vocês não fora em vão, e continua com os que ainda enfrentam multidões, de maneira honrosa, no desejo de que as futuras gerações desfrutem de um mundo em que as diferenças não sejam vistas como pecado ou afrontamento: João do Rio, Mário de Andrade, Marguerite Radclyffe, William Beckford, Lord Byron, John Symonds, Oscar Wilde, Adolfo Caminha, Madame Satã, Cazuza, Milk... entre tantos outros representantes, que nunca chegaremos a ter conhecimento, por terem sido banidos e arremessados dentro de um poço imperdoável chamado Solidão.

A todos vocês, meu muito obrigado.

Quaisquer deficiências que o trabalho contiver são de responsabilidade minha, claro, não deles.

Jhonatan Leal da Costa.

Este, que um deus cruel arremessou à vida, Marcando-o com o sinal da sua maldição, - Este desabrochou como a erva má, nascida Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida... Sem constância no amor, dentro do coração Sente, crespa, crescer a selva retorcida Dos pensamentos maus, filhos da solidão.

Longos dias sem sol! noites de eterno luto! Alma cega, perdida à toa no caminho! Roto casco de nau, desprezado no mar!

E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto; E, homem, há de morrer como viveu: sozinho! Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar! Resumo

A presente pesquisa traça uma análise de dois contos homoeróticos do escritor

paraibano Antonio de Pádua Dias da Silva (2010a), "O Segredo" e "Obs-ceno", no

desejo de compreender quais aspectos norteiam os homoafetivos representados para o

sentimento de solidão. A partir de um viés psicanalítico abordado por Sigmund Freud

(1973), entendemos quais são os fatores psicológicos que condicionam os personagens

destas narrativas a sensações de desamparo. O embasamento sociológico de Anthony

Giddens (1992) e os fundamentados, contemporâneos, levantados por Zigmunt Bauman

(2008) revelam que a condição de ser homoafetivo desperta agentes culturais que

interferem na relação desses sujeitos consigo próprios e com o mundo. Os protagonistas

dos dois textos de Antonio de Pádua, que vale ressaltar, é pesquisador na área de

Gênero e Sexualidade, lidam de maneira diferente com a própria homoafetividade.

Ambos, porém, apresentam inúmeros sintomas provocados pelo estado de solidão.

Pretendemos, aqui, apresentar fatores que transformam estes personagens de condutas

tão distintas, em solitários.

Palavras-chave: Literatura. Homoafetividade. Solidão.

Abstract

This study provides an analysis of two homoerotic tales of Paraiba writer Antonio de Padua Dias da Silva (2010a), "O Segredo" and "Obs-ceno", with the intent to understand which aspects guide the homosexuals that are represented by the feeling of loneliness. From a psychoanalytic perspective approached by Sigmund Freud (1973), we understand which are the psychological factors that influence the characters of these stories to feel abandon. The sociological basis of Anthony Giddens (1992), and the contemporary elements, raised by Zigmunt Bauman (2008) reveals that the condition of being homoaffective awaks agents that interfere in the relationship of these individuals with themselves and the world. The protagonists of the these two texts of Antonio de Padua, it is worth to highligh, is a researcher in the area of gender and sexuality, deal differently with their homoaffectivity. Both, however, exhibit symptoms caused by the condition of loneliness. It is intended here to present the factors that make these characters of distinguished behaviors in loners.

Keywords: Literature. Homoaffection. Loneliness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
2.1 Apontamentos em torno do corpo da pesquisa, do autor e do objeto de análise	18
2.2 Sobre o tema "solidão"	29
3. DOGMAS DA SOLIDÃO: IMPASSES ENTRE RELIGIOSIDADE E HOMOAFETIVIDADE	39
3.1. – A Lei do desejo: quando a repressão prejudica as relações	44
4. "OBSCENIDADE" EM CENA: O DESNUDAMENTO DA HOMOAFETIVIDADE	52
4.1. – Entre o negar-se e o aceitar-se: a solidão de quem é abandonado por si mesmo	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
BIBLIOGRAFIA	68
ANEXOS	73

1. INTRODUÇÃO

As relações afetivas na atualidade estão passando por um processo de superexposição, em que o prazer maior está em observar e/ou ser visto. Periodicamente, anônimos de todas as localidades do mundo se inscrevem em *reality shows* dos mais variados tipos, com o desejo de serem notados, apreciados e reconhecidos. Não por terem realizado algo extraordinário ou especial, mas pela simples e sedutora exposição de sua imagem. É na internet, porém, que a exposição da intimidade tem recebido, com melhor enquadramento, o "rótulo" de *fetiche*. Tal processo chega a ser contraditório, uma vez que a noção de intimidade, nas palavras de Giddens (1992, p. 154), "é a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo". Neste sentido, o que estaria conduzindo as pessoas a romperem ideias basilares da conduta social?

As salas de bate-papo, há anos, promovem o encontro de solitários que se colocam à mostra para outros. Os *sites* de relacionamentos, como o *Orkut* e o *Facebook*, ao projetarem em suas páginas virtuais detalhes privados da vida de seus usuários, logo se transformaram em um fenômeno sem precedentes. Ao passo que o exibicionismo desmedido é estimulado pelos suportes midiáticos, sua consolidação só se torna possível porque a prática do *voyeurismo* também o é. No Brasil, o programa de televisão *Big Brother*, baseado no livro *1984*, de George Orwell¹, já ultrapassou surpreendentes dez edições, disseminando em um grande público o desejo de "espiar" outros seres humanos em situações extremamente pessoais.

Assim como no filme **Janela Indiscreta**, de Alfred Hitchcock (1954), a prática da observação alheia se torna possível a qualquer sujeito contemporâneo munido de uma lente teleobjetiva ou de, simplesmente, um computador. É no universo virtual que, para além das salas de bate-papo e *sites* de relacionamentos já mencionados, uma ferramenta tem se popularizado, por revelar o cotidiano de pessoas comuns e de celebridades: o *Twitter*. O *site* atrai diariamente milhares de internautas preocupados em seguir, minuto a minuto, tudo o que os outros usuários estão fazendo no decorrer do dia – confessado pelos próprios através de pequenas e infinitas postagens. Neste espaço,

¹ Publicado em 1949, o livro *1984* narra a história de uma sociedade vigiada por um regime político totalitário. Os cidadãos são fiscalizados de forma bárbara, e têm seus direitos à privacidade rompidos. O romance é um clássico da literatura universal, tendo gerado forte impacto na cultura popular.

novos códigos de relacionamento social são construídos, uma vez que o valor do sujeito para a sociedade é medido pela quantidade de "seguidores" que ele é capaz de angariar.

Nas leis regidas pela dinâmica virtual, as pessoas nutrem o desejo da visibilidade, da observação, e da interação com quem nunca viu. Por essa perspectiva, o *não ser visto* e o *estar sozinho* assumem aspectos cada vez mais desprestigiados. Mas o que ocorre quando esta mesma sociedade, que estimula o exibicionismo ao promover e valorizar os vínculos interpessoais, inibe, segrega e penaliza sujeitos que se assumem homoafetivos²?

Nos entraves das relações humanas, a literatura tem o papel de nos fazer enxergar conflitos da sociedade por meio de um olhar mais arguto. Para Luis Carlos Fridman (*apud* DORNELAS, 2007, p. 268), "a literatura e as histórias contadas, ao serem analisadas, colaboram para o entendimento do processo de identidades sociais." O pesquisador Antonio de Pádua Dias da Silva (Cf.: 2010b, p. 64) também corrobora o pensamento do sociólogo ao afirmar que as narrativas plasmam de tal forma as subjetividades, que inúmeras vezes temos a sensação de estarmos diante da realidade em si. Mas em que medida a arte é expressão da sociedade? Ao resgatar a indagação levantada por Antonio Candido (2008, p. 29) em **Literatura e Sociedade**, nos questionamos: "até que ponto a arte literária é social, isto é, interessada nos problemas sociais?" É por isso que se faz importante a análise mais cuidadosa das obras literárias brasileiras que abordam a temática gay.

A entrada no mundo da ficção acarretou análises entusiasmadas para Antonio de Pádua Dias da Silva, que também é escritor e produz literatura centrada no universo homoafetivo. Para o poeta e crítico literário Amador Ribeiro Neto (2007): "Os contos de Pádua pegam o leitor logo de cara. Lançado o livro **Sobre rapazes e homens** (Campina Grande: EDUEPB, 2006) ouvi, de outros leitores, que eles também se tornaram prazerosas vítimas desta sedução literária". Com apenas um ano após o lançamento de **Sobre rapazes e homens**, o autor lançou outro livro de contos – **Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão**, publicado em 2007. Em seguida veio **Eis o mistério da fé** (2009) e **Abjetos: desejos** (2010), que reúne vinte contos

² Adotamos neste artigo os termos *gay*, *homoafetivo* e *homoafetividade* por estes se apresentarem, de acordo com Jurandir Freire da Costa (1992), destituídos dos preconceitos do ambiente médico-legal do século XIX, que utilizava a palavra *homossexual* e *homossexualismo* para designar doença.

homoeróticos que possibilitam aos leitores uma apreciação das peculiaridades – e possibilidades – que estão atreladas às *performances homossexuais*³.

A escolha do escritor Antonio de Pádua para esta pesquisa se dá, portanto, pela pluralidade de representações encontradas em seus textos em torno do sujeito homoafetivo. As situações elaboradas por ele, bem como os anseios que movem os personagens representados em suas obras, são projeções dos fatos e *personas* que costumamos encontrar no dia-a-dia, seja em espaços públicos ou privados.

O universo diegético construído pelo escritor, no livro de contos *Abjetos: Desejos*, tem como foco o homoafetivo e suas relações interpessoais. Por outro lado, através de uma leitura mais acurada de suas obras, somos capazes de perceber anseios e temores universais, contemplados pelo sujeito humano independente de seu gênero de pertença: a saudade de um amor perdido, a idealização de um relacionamento perfeito, a obsessão nascida de uma paixão. Mas será que estas experiências humanas são vivenciadas de formas similares pela maioria dos sujeitos sociais? A identidade de gênero e sexualidade não seria um fator que interferiria no modo como conduzimos nossas subjetividades, sentimentos e percepções? Em uma sociedade que reprime e recrimina a intimidade homoafetiva, ser um sujeito gay pode aflorar e aumentar a sensibilidade de todas as suas emoções.

É neste campo que a "ditadura da interação", comandada pelos suportes midiáticos, fundamentados nos apelos ao *voyeurismo* e ao *exibicionismo*, bate-se com as regras impostas pela heterodoxia social, que reprime, inibe e segrega o sujeito homoafetivo que possuir coragem de fazer visível sua orientação sexual. A penalidade para os que se assumem é, na maioria dos casos, o banimento ou a ruptura do direito a um convívio pleno em sociedade. Embora muitos discursos pró-diversidade estejam emergindo, o sentimento de não-pertencimento social ainda abarca inúmeros gays, mesmo aqueles que não se sentem recriminados pelos grupos sociais de que fazem parte. A solidão, nesses sujeitos, se configura, principalmente, pela não identificação com os ditames heteronormativos que estão presentes na maioria dos espaços da sociedade. Neste viés, a solidão pode ser sorrateira, e punir até mesmo os homoafetivos camuflados que seguem a cartilha da cultura sexual dominante.

O desenvolvimento da solidão é explicado em **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, em que Sigmund Freud (1973) percorre os trilhos da sexualidade humana,

-

³ Termo utilizado por Judith Butler (2010) ao atestar a não existência de um gênero gay.

observando seus aspectos aceitos como normais e os considerados patológicos. Dividida em três partes, a obra faz uma abordagem sobre "as aberrações sexuais", "a sexualidade infantil" e "as transformações da puberdade". O autor inova ao ampliar o conceito de sexualidade para além dos órgãos sexuais e expor que os sentimentos de solidão e de incompletude gerados nos sujeitos podem estar relacionados a passagens vivenciadas no passado do sujeito, mais precisamente na infância e na adolescência.

Outro teórico que usamos neste estudo é o sociólogo britânico Anthony Giddens (1992) que, em **A transformação da intimidade**, analisa como as relações pessoais/sociais se desenvolveram ao longo do tempo. O autor tece suas impressões observando de que modo a sexualidade exerce influência na subjetividade humana, conduzindo-nos a processos de segregação ou democratização, e quais fatores ainda nos impedem de sermos sujeitos mais politizados e predominantemente livres.

Fomentando as ideias traçadas nesta pesquisa, o polonês Zygmunt Bauman (2008), em **Medo Líquido**, confere a possibilidade de fazer um panorama atual sobre conflitos e impasses que se estabelecem nos sujeitos da Contemporaneidade⁴. Os anseios e temores do homem do início do século XXI são tratados nesta obra em seis capítulos: "O pavor da morte", "o medo e o mal", "o horror do inadministrável", "o terror global", "trazendo os medos à tona" e "o pensamento contra o medo". Todos eles relatam — ora de maneira enfática, ora de modo sutil — a dificuldade que o sujeito contemporâneo enfrenta ao lidar com a solidão.

Em um mundo ultradinâmico, em que as relações ingressam em processo conflituoso, que clama por um olhar mais ponderado de suas constituições, resta perguntar: seria a solidão não um martírio, mas uma escolha que implique independência do sujeito e, consequentemente, seja geradora de sensações de prazer? Ou ela é um mal que deve ser combatido por ser nocivo à nossa saúde física e mental? O gênero e a sexualidade interferem no modo de lidar com a solidão? Como explicar a solidão a dois? E as indagações que mais afetam os homoafetivos contemporâneos: ficar sozinho e não constituir família pode ser prejudicial? Seria a construção da entidade familiar possível apenas aos heterossexuais, de modo que os homoafetivos estariam

problematizações atreladas às noções de pós-moderno.

_

⁴ Sabemos que a obra de Bauman é embasada no conceito de pós-modernidade líquida. A pósmodernidade, no entanto, abrange discussões mais aprofundadas, que, por motivos relacionados exclusivamente ao objeto escolhido e ao espaço de debate, não serão contempladas neste estudo. Adotamos, por este motivo, as terminologias "contemporâneo" e "Contemporaneidade", livres das

condenados à solidão perpétua? Para tratar desses questionamentos, dividimos a nossa pesquisa em três capítulos.

O primeiro, intitulado de "Pressupostos teóricos", é destinado a uma explanação horizontal do presente trabalho, em que apresentamos com maior atenção o escritor Antonio de Pádua, as obras publicadas por ele, a justificativa de suas escolhas, e as críticas em torno da sua produção literária. Ainda nesse capítulo, encontramos o tópico "Sobre o tema solidão", reservado para o aprofundamento teórico a respeito do sentimento de desamparo.

No segundo capítulo, "Dogmas da solidão: impasses entre religiosidade e homoafetividade", deparamo-nos com uma contextualização histórica sobre as perseguições religiosas que massacraram incontáveis homoafetivos ao longo do tempo; seguida da análise do conto "O Segredo", o qual possui a Igreja como plano de fundo.

Por sua vez, o terceiro capítulo, "Obscenidade em cena: o desnudamento da homoafetividade", inicia com uma fundamentação referente aos papéis de gênero e as conflituosas relações afetivas na Contemporaneidade, conferindo subsídio teórico para a compreensão crítica do conto "Obs-ceno", realizada sequencialmente.

Por fim, nas "Considerações finais", apresentamos os resultados, confirmações e descobertas que se sobressaíram no decorrer deste estudo.

2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 – Apontamentos em torno do corpo da pesquisa, do autor e do objeto de análise.

Antes de escolhermos a(s) obra(s) e a teoria que veio a ser desenvolvida nesta pesquisa, realizamos a leitura de vinte obras literárias com temática gay⁵, de diferentes gêneros, autores e épocas, no intuito de descobrir elos que fossem comuns à maioria das obras desta vertente literária. Percebemos que entre os assuntos que tomam parte neste tipo de segmento (como o hedonismo, o sexo descompromissado, as drogas, a AIDS, o preconceito e a irreverência), uma temática se faz presente de forma inquestionável nessas narrativas: a solidão, apesar de quase sempre parecer ofuscada por temáticas mais factíveis e polêmicas. Assumida pelos personagens homoafetivos, a sensação de isolamento social vivenciada por eles nos levou a indagar: a forma como os sujeitos gays são conduzidos à sensação de desamparo é diferenciada da maneira como os heterossexuais a vivenciam?

Ao propormos analisar como se desenvolve a solidão no sujeito gay, fomos motivados por dados estatísticos que denunciam a atual condição do homoafetivo no Brasil. De acordo com o recenseamento realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Nordeste possui 12.196 casais que admitiram viver com cônjuges do mesmo sexo. Na região Sudeste, apesar de ser consideravelmente menor em espaço demográfico, o número surpreendentemente quase triplica: são 32.202 casais gays que assumiram morar juntos (Cf.: LAURIANO, 2010, [s/p]). Os motivos para esta disparidade pode nos indicar duas reflexões: seria o espaço determinante para o surgimento de sujeitos homoafetivos, afastando a hipótese biológica para explicar este tipo de sexualidade? Ou a quantidade desnivelada nas duas regiões se justifica pela

_

⁵ Os livros escolhidos para leitura e avaliação foram: *Abjetos : Desejos* (SILVA, 2010), *Apartamento 41* (CARVALHO, 2007), *Amores no masculino* (RANZATTI, 2006), *Cão danado solto na noite* (TOMÉ, 1999), *Cinema Orly* (CAPUCHO, 1999), *Eis o mistério da fé* (SILVA, 2009), *Entre nós* (RUFFATO, 2007), *Matéria básica* (EL-JEICK, 2007), *Morangos Mofados* (ABREU, 2000), *Meus dois pais* (CARRASCO, 2010), O beijo no asfalto (RODRIGUES, 2008), *O bom crioulo* (CAMINHA, 2008), *Olívia tem dois papais* (LEITE, 2010), *O retrato de Dorian Gray* (WILDE, 2009), *O segredo de Brokeback Mountain* (PROULX, 2006), *O terceiro travesseiro* (CARVALHO, 2005), *Sobre rapazes e homens* (SILVA, 2006), *Toda nudez será castigada* (RODRIGUES, 2005), *Trem fantasma* (HEE, 2002) e *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão* (SILVA, 2007).

⁶ O sentido de espaço nesta sentença é o mesmo do conceito utilizado por João Carlos Moreira (2002), que mais do que englobar lugares e territórios, se refere a relações sociais, econômicas e culturais.

cultura diferenciada desses territórios, em que um é mais opressor que o outro e, consequentemente, impede seus homoafetivos de assumirem seus relacionamentos afetivos?

Tais questões são facilmente respondidas se observarmos o relatório do quadro da homofobia no país, divulgado pelo antropólogo Luiz Mott (2011, [s/p]). Segundo o artigo, a cada um dia e meio um brasileiro é assassinado por ser homoafetivo. Nos últimos cinco anos, houve um aumento de 113% no número de crimes seguidos de morte a estes sujeitos. Apenas nos três primeiros meses de 2011, foram 65 homicídios. Entre as vítimas, 54% foram gays, 42% travestis e 4 % lésbicas. Ainda segundo este relatório, o Brasil ocupa o primeiro lugar no *ranking* mundial de assassinatos a homoafetivos. Ao passo que em 2010 os Estados Unidos registraram 14 homicídios a travestis, o Brasil derramou o sangue de 110 deles. Entre os estados brasileiros, a Bahia lidera na homofobia, seguida por Alagoas. Desta forma, o Nordeste se revelou a região mais homofóbica do país em 2010, com 43% destes tipos de assassinatos ocorridos em seu território.

Com tanto ódio e perseguição aos sujeitos gays, não é difícil compreender porque na região Nordeste, formada por mais de 53 milhões de pessoas, apenas 12.196 casais assumiram haver união homoafetiva no interior de suas residências. Já em 2011, a Paraíba se transformou em palco de três crimes bárbaros relacionados a questões de Gênero e Sexualidade. Ao ser degolado com requinte de crueldade no dia 15 de Abril do referido ano, em uma região central de Campina Grande (a 121 km da capital, João Pessoa), a morte do travesti Daniel Oliveira Felipe recebeu notoriedade por meio dos principais jornais do Brasil e do mundo (VASCONCELOS, 2011, [s/p]). Três meses depois, no dia 9 de Julho, o professor Valderi Carneiro dos Santos, assumidamente homoafetivo, foi estrangulado por dois rapazes em uma pousada da mesma cidade. Os crimes de extrema crueldade estenderam-se a homens heterossexuais, confundidos ou não com Gays, como aconteceu recentemente em Cabedelo, região metropolitana de João Pessoa, com um jovem de 25 anos, que foi assassinado ao tentar defender um gay que sofria injúrias homofóbicas de dois outros homens (TELES, 2011, [s/p]).

Todos estes acontecimentos expõem a fragilidade relacionada à temática homoafetiva na Contemporaneidade. O cenário político brasileiro ainda se demonstra refratário à causa gay, patinando entre muitos vetos e poucas concessões. As divisões territoriais do país revelam como o tratamento ao homoafetivo pode ser diferenciado em

suas unidades federativas. E o Nordeste do Brasil, ao se estabelecer como um dos espaços mais homofóbicos do planeta, impede gays nordestinos de desfrutarem plenamente seus direitos à afetividade, particularmente a Paraíba, estado em que os massacres aos que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo são brutais. Nesse contexto de violência e desrespeito, indagamo-nos: como é representado o sujeito homoafetivo pelos escritores desses locais? Nesses termos, deparamo-nos com a leitura de vários textos literários que representam sujeitos homoafetivos, dentre os quais delimitamos o universo temático da "solidão".

Neste estudo, embasamo-nos no pensamento de Márcia Abreu (2004, p. 39), que acredita que o que atribui a um texto o caráter de *literário* não são [apenas] suas propriedades internas e, sim, o espaço que lhe é destinado pela crítica, sobretudo pela escola no conjunto dos bens simbólicos. Para a pesquisadora da Unicamp,

por trás da definição de *literatura* está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar *alguns* textos, escritos por *alguns autores* do conjunto de textos de circulação. Os critérios de seleção, segundo boa parte dos críticos, é a *literariedade* imanente dos textos. [...] Entretanto, na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa relação de escritos e autores. Dois textos podem fazer um uso semelhante da linguagem, podem contar histórias parecidas e, mesmo assim, um pode ser considerado literário e o outro não. Entra em cena a posição de *valor*, que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais.

A partir deste raciocínio, podemos compreender porque os leitores e os pesquisadores tendem à restrição de alguns poucos autores e obras. No campo da literatura de temática gay, os críticos costumam selecionar poucos, a exemplo de Caio Fernando Abreu, que se consagrou nos anos 80, época em que temas (como a adoção de crianças por sujeitos homoafetivos e o casamento gay) estavam longe de estabelecer discussões acerca da homoafetividade num plano mais político. Na academia, o saudosismo não é diferente. As pesquisas de literatura na linha homoafetiva tendem a se voltar para poucos escritores consagrados, como se a produção de textos literários dentro desta esfera temática tivesse esgotado há três ou quatro décadas. Ao considerar as obras mais recentes de temática gay como sendo inferiores ou insignificantes face ao cânone, os críticos, muitas vezes, persistem na reprodução de um discurso estéril que, de tão batido, pretere o esforço artístico de muitos autores, que têm suas obras negligenciadas. Como observa Antonio Candido (2008, p. 46), com a inimitável perspicácia que é sua marca registrada:

Se nos voltarmos agora para o comportamento artístico dos públicos, veremos uma terceira influência social, a dos valores, que se manifestam sob várias

designações – gosto, moda, voga – e sempre exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina. A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões.

De acordo com o Antonio Candido, depois de observar quais as estruturas sociais, valores ideológicos e técnicas de comunicação que se verifica no processo artístico de um escritor, devemos investigar como repercute sua produção no meio social. Com essa orientação, podemos conceber que o autor (contista, romancista, poeta) quer atingir determinada finalidade estética; e o leitor, ao recorrer a esse universo imaginado, procura vínculo com determinado aspecto da realidade. Se tais objetivos são alcançados, e de que forma se manifestam, só o tempo informará.

O estudo de textos literários de temática gay é importante porque sugere uma leitura de sentidos que vigoram nos discursos de sujeitos gays e sobre esses; atores sociais ainda tão ignorados pela crítica literária. Analisar o texto literário de um escritor que também é pesquisador na área de Gênero e de Sexualidades, como é o caso de Antonio de Pádua, possibilita refletir sobre a atualidade da posição em que se encontra o homoafetivo em uma sociedade de grupos dinâmicos e instáveis. Sabemos que, como declarou Sainte-Beuve (*apud* CANDIDO, 2008, p. 28), o artista "não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única", mas suas combinações, transformações e configurações da realidade podem evidenciar problemas concretos sobre as incertezas do que havia sido dado como estável.

A arte literária, por dar competência à reflexão da identidade, nossa e alheia, faz com que tenhamos momentos inesperados, muitas vezes, sobre nós mesmos. Rildo Cosson (2006, p. 17) corrobora a ideia, enunciando que:

É no exercício da leitura e da escritura dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. [...] Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia de minha própria identidade.

A "incorporação do outro", que nos leva à reflexão sobre a constituição de diferentes identidades, é frequentemente desconsiderada pelos críticos que classificam

os textos literários de temática gay como categoria a parte, visto que trazem representações da cultura e das peculiaridades atreladas ao universo homoafetivo. A produção artística de Antonio de Pádua é embasada neste tipo de literatura, apesar de alguns críticos ainda insistirem em afirmar que as obras literárias não podem ser categorizadas por gêneros. Motivo que problematiza o artigo **A invenção histórica da literatura gls** [e de seus leitores] (NÓBREGA et al, 2008, p. 193), ao colocar que este tipo de classificação pode se tornar perigosa para o próprio movimento gay, que estaria tomando um rumo equivocado ao reivindicar o reconhecimento de sua própria arte:

Esse desejo de classificar e de instituir uma escola literária ou um estilo pode ser um 'perigoso' caminho: 'A homossexualidade é um componente muito importante, mas eu ousaria dizer que é perigoso fazer uma classificação como essa, porque isso indica um caminho de uma <literatura menor>>. O perigo consiste, também, em 'guetorizar' a literatura, ou seja, de instituir um gueto, cristalizando suas fronteiras. Nesse sentido, o valor das obras literárias seria pensado a partir de sua inclusão num determinado grupo de leitores que compartilham, de alguma forma, uma vivência marginal, elevando a exterioridade do texto como sendo o elemento principal na produção dessa 'poética do olhar', que Gilmar de Carvalho anunciou anteriormente.

Ricardo Tomé (1999, p. 12), por outro lado, acredita que "a nova literatura gay no Brasil é escrita com sentido de urgência. Ela está para as bichas e bis assim como o rap está para os negros". Mas levando o título de *literatura gay* ou não, no Brasil, este tipo de produção tem como obra inaugural o livro **Bom-crioulo** (1896), de Adolfo Caminha. O romance obteve circulação entre os meios letrados e atravessou o século XX como um autêntico exemplo de literatura gay que, segundo Mário César Lugarinho (2008, p. 20), ganhou força e começou a ser mais demarcada em nosso país a partir da década de 80, época em que o sujeito homoafetivo passou a ser representado nas obras literárias com maior fidedignidade a seu universo:

Os exemplos mais flagrantes encontravam-se nas obras de Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago. No entanto, em ambas, deparávamos com um problema. Sem dúvida, o estatuto conferido ao homossexual em ambas as obras destacavase das formas mais tradicionais da literatura brasileira na medida em que a homossexualidade não era apenas temática da obra, mas também conferia consistência a uma forma de compreender o mundo de maneira particular, característica dos grupos sociais que buscava representar.

Já na década de 90, uma das obras que se destacou por compor uma formação discursiva sobre a identidade homoafetiva foi *Cinema Orly* (1999), de Luis Capucho. No livro publicado em um período de mudanças políticas para o público gay, visto que a AIDS já não era mais associada exclusivamente a esta categoria, são expostos

personagens e situações que são comumente ocultadas da sociedade, como a prostituição, as drogas, os travestis, e as orgias ocorridas em banheiros públicos e salas de cinema. Na narrativa, o sujeito homoafetivo é representado como alguém que tenta se livrar das amarras e dos conflitos gerados pela "ditadura heteronormativa", no desejo de atingir seu mais alto grau de intimidade. O protagonista homoafetivo passa a enxergar o próprio corpo como uma moeda de troca, e vê na consumação do sexo a única forma de não se sentir vazio, estabelecendo, desta maneira, um sistema de necessidade em que a solidão poderia lhe ser fatal.

Outros autores de literatura de temática gay têm exposto o temor da solidão em suas obras por meio de diversas perspectivas, como observamos em **Trem Fantasma**, de Carlos Hee (2002). Nesta obra, o autor nos remete ao universo gay da década de 80, enfatizando a necessidade desenfreada que os sujeitos homoafetivos representados possuíam de estar em festas e em relações sexuais desmedidas. Em **Matéria Básica**, de Márcio El-jaick (2007), Pedro é um homem de meia idade que sofre por não conseguir estabelecer relações duradouras, e passa a entender que ficar sozinho pode ser seu lamentável destino. Nelson Luiz de Carvalho (2007), em **Apartamento 41**, nos mostra com detalhes de que modo muitos gays chegam a ser desprovidos inclusive de amizades, acostumando-se a vagarem sozinhos em espaços públicos em busca de sujeitos que os "libertem" do isolamento.

É dentro dessas questões que transitam as obras do professor e escritor paraibano Antonio de Pádua Dias da Silva, natural de Fagundes. Pós-doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, leciona, desenvolve e orienta na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pesquisas relacionadas aos Estudos de Gênero e de Sexualidades, com vários livros publicados sobre as gentes excluídas e marginalizadas. Iniciou suas pesquisas com maior ênfase na representação da mulher na literatura de autoria feminina. Hoje, é a representação do sujeito homoafetivo em obras literárias, teatro ou cinema, que mais tem feito parte das problematizações por ele levantadas.

Até o ano de 2006, Antonio de Pádua havia se predisposto a publicar livros apenas no âmbito da crítica literária. Quando coloca à disposição do púbico **Sobre rapazes e homens** – seu primeiro livro de ficção com, exatos quinze contos homoeróticos –, é conferida ao acervo de obras assinadas por ele uma nova identidade.

O pesquisador se submeteu ao exame dos críticos literários e virou, ele próprio, objeto de análise.

Ao publicar **Sobre rapazes e homens**, Antonio de Pádua começou a atribuir maior vigor político às pesquisas que já desenvolvia. A representação de homoafetivos paraibanos (universais) em suas obras demonstra que o projeto estético deste autor delineia o desejo de fazer os homoafetivos serem reconhecidos enquanto sujeitos, sem que sejam ignorados por suas práticas sexuais:

Na primeira obra que publiquei, a ideia foi jogar com a linguagem chula, falar por dentro sobre desejos que muitos escondem, enquanto outros se refestelam, à revelia do olhar do outro com quem se senta ao lado. Os personagens de *Sobre rapazes e homens* são todos marcados por uma tendência ou complexo de felicidade: querem esgotar as possibilidades de poderem ser felizes, não importando a dor sentida, a vergonha provocada, os constituintes de uma relação sexual. (SILVA, 2010a, p. 06).

Em seu segundo volume, **Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão**, Antonio de Pádua reúne dezoito contos homoeróticos com personagens que mais uma vez vivenciam o erotismo sem disfarces, reafirmando que o autor não está disposto a fazer concessões ao público mais moralista. É o que corrobora Rosângela Melo (*apud* SILVA, 2007, p. 12), ao declarar que

a literatura, por ser arte em grau máximo, tem por capricho inquietar, subverter padrões, pegar o leitor pelo pé via espanto; sendo arte, a ficção não precisa se acomodar ao gosto do apreciador ingênuo ou moralista, e disso Antonio de Pádua tem muita convicção e ciência. *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão* é um livro que busca deliberadamente deixar o leitor perplexo, dubitativo, rendido ou raivoso diante das tramas, o que significativamente acontece com obras que marcam época no cenário das letras.

Esta inquietação é provocada pelo signo do erotismo, visibilizado por um campo lexical que se aprofunda na fisiologia e instintos das personagens sem pudores. Este recurso é caracterizado pelo *desejo gay*⁷, presente com intensidade na maioria dos textos deste autor. Este peculiar campo semântico, centrado no erótico, passa a funcionar como um grito de liberdade frente à opressão sofrida pelos homoafetivos desde períodos passados.

Mesmo no século XX, os artistas não estavam imunes às perseguições, e muitos escritores deste segmento literário foram obrigados a ter seus manuscritos engavetados para não ousarem manifestar um tipo de arte que rompesse com as diretrizes sustentadas

_

⁷ O *desejo gay* é um termo criado por Eve Sedgwick (*apud* SILVA, 2010a, p. 11), e de acordo com ele, orienta o sujeito para um campo semântico mais pertinente ao que os homoeróticos vivem ou reivindicam politicamente.

pelo modelo heterossexual de vida. Em 1930, muitos artistas gays rapidamente se casaram para ostentar uma respeitável aparência pública, atitude muito semelhante ao que fizeram os homoafetivos na Inglaterra Vitoriana, como foi o caso do escritor irlandês Oscar Wilde. A repressão ao homoafetivo nesta época era tão intensa que, em 1928, a escritora inglesa Marguerite Radclyffe Hall foi processada por publicar em seu livro, **O poço da solidão**, a seguinte frase com referência ao lesbianismo: "e naquela noite elas não se achavam divididas" (AMBROSE, 2010, p. 20). Antonio de Pádua (2010b, p. 58), o pesquisador, atesta que ao enxergarem os homoafetivos como uma ignomínia social, passou-se a proibi-los de ser representados na arte, e quando o faziam, era por meio do estigma:

Este, porém, mesmo quando tinha a consciência de que estava impregnado desse desejo, forjava caminhos contrários ao seu desejo, apagando-se socialmente para que a cultura não lhe sobreviesse de forma tempestuosa. Por isso 'inexistiam' nas sociedades mais repressoras e, seguindo essa lógica, não eram representados. E quando o eram, os desejos que lhes diziam respeito eram tão detratados que impingiam uma espécie de autocensura, sendo os sujeitos auto sufocados naquilo que lhes eram de maior pertença, a sua identidade de gênero sexual.

Nesse sentido, percebemos que ao invés de promover apenas uma exibição gratuita e sequencial de relações sexuais homoafetivas (como os leitores mais moralistas poderiam argumentar), os textos sem restrições conteudísticas, narrados por uma linguagem bastante sinestésica, funcionam como um ato de protesto, por meio da representação das próprias atitudes pelas quais os homoafetivos são recriminados: o ato sexual.

Eis o mistério da fé, lançado em 2009, é o terceiro livro de contos homoeróticos de Antonio de Pádua, um dos títulos mais críticos e irônicos por ele publicado, a começar pelo nome da obra que, ao fazer uso de um discurso religioso, expõe de forma imediata um dos traços recorrentes aos textos de temática gay: a revelação, a denúncia de algo que geralmente é mantido em sigilo pela sociedade. De maneira perspicaz e um tanto sarcástica, o título Eis o mistério da fé incorpora as palavras da Igreja (notadamente contra qualquer tipo de manifestação sexual que fuja ao padrão heteronormativo), para enaltecer e dar credibilidade à *homographesis*⁸ do livro. Deste modo, o escritor confere à obra um protótipo de "bíblia homoafetiva", uma vez que propõe – ainda que de maneira indireta – revelar as verdades que circundam o meio gay para seus *fiéis* leitores. Tal julgamento se comprova ao analisarmos os dezessete contos

⁸ Para Robert Drake (2000), a *homographesis* é uma escrita fundada por sujeitos (não obrigatoriamente gays), que vivem ou conhecem e defendem a subcultura gay a ponto de poder representá-la.

da publicação, os quais, inclusive, possuem personagens com nomes de santos, apóstolos, e títulos com referência a livros bíblicos.

O quarto e último livro de contos homoeróticos até então lançados por este autor é **Abjetos: desejos**. A obra completa é dividida em três partes, intituladas de "A arte de desejar o abjeto", "De como: todos = a-objetos" e "De outros desejos abjetos". A primeira delas, respectivamente, consiste em um conjunto de onze contos homoeróticos, em que a busca incessante por um parceiro afetivo-sexual constitui a base para o desenvolvimento do conflito nas narrativas curtas. A segunda parte do livro é formada por apenas quatro contos, e se caracteriza por narrar histórias de personagens exclusivamente heterossexuais. Neste conjunto, o objetivo do autor é ultrapassar os limites dos dilemas vivenciados pelos homoafetivos e englobar as dificuldades, anseios, medos e desejos, como sendo atributos da própria condição humana. E na terceira e última parte, mais quatro contos homoeróticos encerram **Abjetos: desejos**, expondo o quanto de solidão e sentimento de abandono há na condição de ser um sujeito gay.

É neste livro que, por meio de um prefácio, Antonio de Pádua tece as primeiras apreciações sobre a repercussão de seus três primeiros livros de ficção, revelando os desafios que tem experimentado ao desempenhar o papel de escritor. Admite que escrever sobre o *desejo gay* masculino tem sido uma tarefa árdua, não só pelo complexo processo de elaboração que os textos exigem, mas principalmente, pelo preconceito existente na maior parte dos leitores que, ao descobrirem a temática abordada nos livros, os rejeitam quase que imediatamente. Ainda na abertura deste livro, o autor afirma, agora como crítico, que antes de detratarem a literatura de temática gay, deveriam procurar conhecê-la e compreendê-la:

Não basta dominar o código linguístico, decodifica-lo, interpretar um texto: é necessário também dominar o código do desejo, decodificar a imagem do outro na cultura, interpretar as razões pelas quais as identidades de gênero e sexuais se posicionam como *identidades* no mundo. (SILVA, 2010a, p. 03).

Sua escrita demonstra um interesse em captar a mediocridade da rotina, os desejos do sujeito gay e as "perversões" definidas pela sociedade como tais. Sigmund Freud (Cf.: 1973, p. 41) conceitua como perversão as atividades sexuais que se atravessam rapidamente no caminho em direção ao objetivo sexual final, ou se estendem, num sentido anatômico, além dos órgãos genitais, como o sexo oral ou anal – ambos representados fartamente nas obras de Antonio de Pádua.

O universo semântico dos textos, por sua vez, é erigido por um tipo de prosa poética, que se mescla a peculiaridades que vão de referências bíblicas a cabalísticas, entrecruzando linguagens semióticas que envolvem música, cinema e literatura; referências a Clarice Lispector fazem-se presentes ao lado de citações de músicas da Banda Calypso, bem como a poemas de Fernando Pessoa e menção a Pedro Almodóvar.

Os contos de Antonio de Pádua são em sua maioria de temática gay e escritos em primeira pessoa, o que (num primeiro momento) daria a entender seu caráter confessional; mas adotando-o como recurso técnico, Antonio de Pádua (SILVA, 2010a, p. 64) afirma:

Daí também grande parte – para não repetir a quase totalidade das narrativas – ser narrada em primeira pessoa, geralmente pela personagem central. Esse recurso estabelece no texto um tom de maior fidedignidade aos atos/fatos narrados.

A dicção manifestada nos contos, no entanto, nem sempre consegue afastar o autor da ficção, e o narrador, em vários momentos, pode ser confundido com o próprio autor porque, ao tratar de assuntos tão próximos, termina ficcionalizando a relação autor marrador marrador personagem. Várias são as passagens em que os termos cientificamente usados por nós, pesquisadores em Gênero e Sexualidades, aparecem, bem como as ideias sobre acepção sexual. Para exemplificar, temos este recorte do conto **Abjetos Desejos**, em que as expressões sociedade, margem e segregada são enunciadas em um conto que, em seu desenrolar, faz referência a Edith Piaf e Rick Martin:

Em cada esquina onde meu corpo dobra encontro um pedaço de meu pesadelo, que ainda continua sendo um ser rejeitado de uma sociedade que insiste em me querer numa outra margem, distante e segregada da que abarca todos os 'homens brancos'. (Idem, p. 24).

A relação íntima do indivíduo Antonio de Pádua com sua produção artística – condição também de sujeito gay que desenvolve pesquisa na área profissional – é comumente demarcada em seus textos; é justificada por ele como uma forma de se libertar das limitações impostas pelo meio que o circunda (Cf.: Ibidem, p. 07). Nesse sentido, a escrita ficcional, para este autor, funciona ao mesmo tempo como libertação e enfrentamento da realidade em que vive.

_

⁹ Branco (1991) faz uso do termo *dicção* para se referir a uma forma de escrita construída a partir de uma visão bastante subjetiva, nascida de dentro, podendo ser classificada como *escrita de si*, embora essa possibilidade seja centrada no *si* do feminino e não da mulher. Aqui relacionamos ao *si* da homoafetividade.

Ainda neste livro, identificamos dez contos que representam homoafetivos em estado de solidão. São eles: "O Segredo", "Obs-ceno", "Insights", "Abjeto Desejo", "Do desejo e do objeto", "Arreda de mim este cálice", "Jogo da Bich@", "História de um amor cuja morte fora anunciada (ou para aquele que amei e me legou a solidão)", "O empinador de pipas" e "Ofício da madrugada". Seus personagens, forjados por expressões coloquiais em um discurso que oscila entre o depoimento e a autoanálise – evidenciada por meio da introspecção –, vivem uma solidão urbana, em busca de afirmação social. É o modo de os protagonistas agirem frente às adversidades impostas pela cultura dominante, no entanto, que revelará a quais condições estão submetidos os homoafetivos representados ali.

Diferentemente de *Sobre rapazes e homens* (2006), as demais obras marcam o estilo de que falo com a construção de personagens envolvidas em tramas flagradas em pequenos momentos, mas momentos que dizem muito do interior dos personagens: eles são captados em instantâneos e cooptados para atuarem em práticas socioculturais que abordam e refletem ora o *desejo* gay em lugares ainda marcados pelo preconceito, pela violência material e simbólica; ora as angústias do humano, sejam estas afetadas pela cor da pele, pelo papel de gênero, pela relação incestuosa, pela escatologia, pela luxúria, pelas relações efêmeras, pelo simples prazer de experimentar o desejo de ser e ter. (SILVA, 2010a, p. 04).

Assim padres, travestis, adolescentes, garotos de programa, pais de família, rapazes, boêmios, estudantes e homens de negócio se materializam em personagens e reúnem-se nas páginas de *Abjetos: desejos*, não apenas para degustarem o prazer sexual encontrado nas relações homoafetivas, mas para comungarem a sensação de vazio e isolamento que insiste em se fazer presente em todos eles.

Nossa análise em torno da configuração e das possíveis consequências que originam a solidão no sujeito homoafetivo, se apresenta na análise de dois contos encontrados em **Abjetos: desejos**: "O Segredo" e "Obs-ceno". A preferência destes contos dá-se pelo modo antagônico de comportamento encontrado nos personagens. O primeiro, de temática religiosa, aborda a solidão condicionada, do sujeito que não se permite interagir e constituir vínculos sociais de cunho homoafetivo por estar preso a repressões fundamentalistas. O segundo, em contrapartida, nos traz um personagem desprovido de proibições, que vivencia práticas homoafetivas, mas que, como o protagonista de "O Segredo", também sofre de alguma maneira com a solidão.

Na Contemporaneidade, as relações interpessoais estão fragilizadas, porque vigora uma nova moral que coloca ênfase no impulso e, dessa feita, o prazer é afirmador constante de realização. A sociedade, neste novo momento, passa a supervalorizar o

consumo, secundarizando a função afetiva e vivenciando o que Bauman (2008, p. 16) chama de vida a crédito: "Reconhecidamente, o futuro está fora do nosso controle. Mas o cartão de crédito, magicamente, traz este futuro irritantemente evasivo direto para você, que pode consumir o futuro". Na recente ebulição social, o tema da homoafetividade ganha visibilidade, sobretudo quando associado ao hedonismo (alto preço do qual é tributário).

Como expusemos no início deste capítulo, a intolerância aos sujeitos que se assumem gays ainda é geradora de bastante violência. Ao publicar **Abjetos: desejos**, Antonio de Pádua nos faz observar que a solidão vivenciada pelo sujeito homoafetivo está intimamente associada à exclusão. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2008, pp. 28-9), este sentimento é um dos mais aterrorizantes medos do sujeito contemporâneo:

O medo de ser pinçado sozinho da alegre multidão, ou no máximo separadamente, e condenado a sofrer solitariamente enquanto todos os outros prosseguem em seus folguedos. O medo de uma catástrofe *pessoal*. O medo de se tornar um alvo selecionado, marcado para a ruína. O medo de cair de um veículo em rápida velocidade, ou de ser jogado pela janela, enquanto o resto dos viajantes, com os cintos de segurança devidamente afivelados, acha a viagem ainda mais divertida. O medo de ser deixado para trás. O medo da *exclusão*.

Em artigo intitulado de **Política e Solidão**, publicado no *site* da revista Cult, Marcia Tiburi (Cf.: 2011, [s/p]) complementa a ideia do sociólogo ao afirmar que a solidão nas cidades grandes é muito mais um sinal da precariedade do sentido da comunidade e da convivência, é mais um problema sociocultural do que de escolha individual. É neste cenário que os personagens homoafetivos dos contos "O Segredo" e "Ob-ceno", apesar de exercerem condutas opostas, partilham o intrigante sentimento que, para Victor Hugo, todo o inferno está contido: a solidão.

2.2 – Sobre o tema "solidão"

Deus não escolheu criar Eva de espontânea vontade, por suas próprias qualidades. Ele a criou destinada ao homem. Para resgatar Adão da solidão, Ele a entregou. Fazer-lhe companhia era seu objetivo e propósito.

Simone de Beauvoir

O Jardim do Éden não estava completo antes da chegada de seu segundo habitante. Seja nos textos religiosos milenares ou pela experiência popular, a ideia de

estar sozinho geralmente abarca sensações negativas. A necessidade de compartilhamento é inerente à raça humana. Dificilmente conseguiríamos viver sem dividir nossas emoções, anseios e temores. Uma experiência que provoque medo, por exemplo, é bem mais fácil de ser superada se estivermos na companhia de outro sujeito que participe do mesmo evento.

A criação de um forte vínculo com outro ser humano já se estabelece na origem da nossa constituição psíquica e social: também a partir do Outro construímo-nos, e desfrutamos, em todo o processo de nosso desenvolvimento, de nossa mais importante relação, com a mãe, de modo que é impossível chegar ao mundo estando solitário. Durante os primeiros anos de vida, a dependência do outro é tão intensa, que só conseguimos permanecer vivos se não estivermos sozinhos. Nosso corpo se desenvolve graças aos que contribuíram para nosso crescimento, mas a necessidade de se ter alguém por perto, mesmo depois de independentes, dificilmente se esvai. É por isso que, em todas as épocas e culturas, as vidas de homens e mulheres tendem a se conectar com as de outros seres humanos para consolidar relações – seja pela construção da família, do estabelecimento de amizades ou da vivência em comunidade. Estamos programados ao compartilhamento de nossa própria existência. Apenas este compartilhamento é capaz de nos fornecer referências de nós mesmos no mundo. Por meio da interação com o outro, determinamos quais posições e locais de poder ocupamos no espaço, definindo elementos identificatórios que garantem a noção significativa de quem somos. Como observa Gayatri Spivak (1994, p. 188), "a solidão é estruturada pela representação dos outros ausentes". Quando não estamos diante de sujeitos que representam o conforto da troca afetiva, sentimo-nos sozinhos.

Mas o que ocorre quando ficamos desacompanhados? Quais fatores situacionais ou psicológicos despertam quando nos percebemos na presença de apenas nós mesmos? Pensadores, na Grécia Antiga, já buscavam respostas para esta problemática que nos afeta até hoje: a solidão. Para Aristóteles (2006b, pp. 13-4), o homem é um ser social. Segundo o filósofo, a capacidade de falar não só nos diferencia dos animais como também nos cria a necessidade de nos aproximar de outros seres humanos. A fala também é, portanto, social, e por meio dela exteriorizamos julgamentos e noções morais; posicionamentos basilares para a constituição da família, da cidade, da sociedade.

As primeiras uniões entre pessoas, oriundas de uma necessidade natural, são aquelas entre seres incapazes de existir um sem o outro, ou seja, a união da mulher e do homem para perpetuação da espécie (isto não é resultado de uma escolha, mas nas criaturas humanas, tal como nos outros animais e nas plantas, há um impulso natural no sentido de querer deixar depois de indivíduo um outro ser da mesma espécie).

De acordo com o antropólogo Robin Dunbar (Cf.: 2011, p. 46), em algum momento da Pré-História, a relação com estranhos passou a ser necessária. Provavelmente, isso aconteceu no momento em que grupos de hominídeos começaram a se fixar em uma mesma região e viver em grupos cada vez maiores. Foi desta maneira que surgiu a forma mais primitiva de amizade, que passou a fornecer um tipo de suporte social para os primatas. Aristóteles (2006b, p. 35), ainda que não soubesse desse dado com exatidão, acreditava que nem mesmo o homem das cavernas conseguiria viver só. Em uma de suas máximas, ele afirma que "o sujeito que não consegue viver em sociedade, não participa do Estado ou é autossuficiente, trata-se de uma besta selvagem ou de uma divindade".

Nossa cultura não enxerga a solidão como algo normal ou natural. Isto se apresenta porque não há desenvolvimento humano sem laços e vínculos entre os diversos grupos sociais. São eles que contribuem para a evolução ou involução de nossa espécie; ruptura ou continuidade. Por isso, os conceitos relacionados ao estado de se sentir sozinho não sofreram grandes alterações durante o desenrolar dos séculos. Segundo o lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss (2009, p. 1766), a solidão é o

estado de quem se sente desacompanhado ou só; isolamento; sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado em meio a um grupo social; [...] estado ou condição de duas pessoas que, não obstante viverem juntas, não se entendem nem se comunicam uma com a outra; retiro, desamparo, abandono.

Na definição de Houaiss, apreciamos vários sentidos que englobam a semântica do termo. O sentimento de solidão, segundo o dicionarista, pode ser provocado pela ausência de pessoas no meio do convívio de um determinado sujeito ou por relações conflituosas. Essas últimas não exigem afastamento do convívio social, uma vez que o sentimento de abandono se caracterizará pela ausência de identificação com as pessoas com as quais se partilha o mesmo espaço de frequência.

Passam-se os séculos e a solidão caracteriza-se por seu caráter universal e atemporal. Mas, assim como o amor, ela é bastante subjetiva, e os teóricos ainda não encontraram uma definição que seja amplamente aceita por todos. Como notamos, o sentimento de isolamento pode ser considerado prejudicial e saudável, dependendo do

contexto em que ocorra. Porém, a maioria dos especialistas concorda com um aspecto: o sentimento de solidão, em todos nós, seres humanos, começa a ser desenvolvido na mais tenra idade. Octavio Paz (1992, pp. 175-6) — poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, um dos pioneiros na teoria sobre a solidão, ao escrever **O Labirinto da Solidão**, em 1950, época em que o mundo estava abalado com os impactos recentes da Segunda Guerra Mundial — descreve um panorama a partir da perspectiva da história e da identidade do povo mexicano. Apesar de sua obra referir o seu país, suas notações são capazes de acompanhar a humanidade:

Ao nascer, rompemos os laços que nos unem à vida cega que vivemos no ventre materno, onde não há pausa entre desejo e satisfação. Nossa sensação de viver se expressa como separação e ruptura, desamparo, queda numa âmbito hostil ou estranho. À medida que crescemos, esta sensação primitiva se transforma em sentimento de solidão. E, mais tarde, em consciência: estamos condenados a viver sozinhos, mas também estamos condenados a ultrapassar nossa solidão e a refazer os laços que, num passado paradisíaco, nos uniam à vida.

Esse estado universalizado da solidão, bem como uma teoria mais direcionada para este sentimento, teve como fonte de influência a devastação causada pela Segunda Guerra. Em seu livro, Paz (1922) analisa de maneira específica os prejuízos causados aos mexicanos após o fim da luta entre as nações mundiais, e descobre que, como uma das consequências, a sensação de desamparo se alastrou por todo o território do México. Em termos globais, Vicentino (Cf.: 2002, p. 516) constata que a Segunda Guerra Mundial deixou um saldo devastador: mais de trinta milhões de feridos, mais de cinquenta milhões de mortos e um custo material superior a um bilhão e trezentos milhões de dólares (em dólares de 1945, mais valorizados que os de hoje). Com o mundo em ruínas, o genocídio trouxe a sensação de abandono para os sobreviventes. O sentimento de impotência e incompletude dominou os mais diversos tipos de civilização, e a solidão deixou de ser um estado individual para ser vivenciado no coletivo.

A ideia apresentada por Paz (1992) de que a primeira sensação de vazio, uma das características comumente associada à solidão, ocorre quando ainda somos crianças é iniciada por Sigmund Schlomo Freud (1973), popularmente conhecido como o Pai da Psicanálise¹⁰. Para o médico austríaco, a solidão começa a se estabelecer no homem quando lutamos para renovar o prazer que sentimos em nossa primeira e mais vital

_

¹⁰ Jonathan Culler (1999) define a Psicanálise como uma modalidade clínica fundada na interpretação e na teorização sobre a linguagem, a identidade e o sujeito. O sujeito seria, portanto, um efeito da linguagem, e o tratamento de sua psique se tornaria possível por meio do diálogo com um psicanalista.

atividade: a amamentação. É por meio dela que entramos em contato físico de maneira mais íntima com a pessoa que nos acolheu em seu interior por cerca de nove meses. Portanto, esta ação simboliza para o bebê não apenas a reativação da memória afetiva, mas através da alimentação materializa, definitivamente, a mais antiga sensação de prazer. O seio materno se torna, deste modo, o primeiro objeto sexual da criança.

Sigmund Freud (1973, pp. 75-6) foi o precursor na descoberta de que a sexualidade se faz presente no ser humano desde os primórdios de sua existência, em que a satisfação sexual ocorre, inicialmente, pela ingestão de alimentos. De acordo com ele, apesar do instinto do infante enxergar o seio da mãe como objeto sexual, este órgão perde esta característica no momento em que a criança consegue formular uma ideia total de quem é a pessoa que lhe fornece satisfação. É nesse período que o instinto perde o seio materno como referencial de objeto sexual e passa a agir por meio do *autoerotismo*, situação em que o sujeito passa a buscar através do próprio corpo sensações de prazer que aliviem a ansiedade causada pela *falta do objeto*. Momento também em que as crianças passam a colocar o dedo na boca para chupá-lo ritmicamente, ou retêm as fezes até que seu acúmulo provoque violentas contrações musculares, para, quando passarem pelo ânus, possa produzir grande excitação na membrana mucosa, pela sensação intensa de dor e satisfação.

A criança não usa um corpo estranho para sua sucção, preferindo uma parte de sua própria pele porque é mais conveniente, porque a torna independente do mundo exterior, que ela ainda não pode controlar, e porque desta forma ela se proporciona, por assim dizer, uma segunda zona erógena, embora de espécie inferior. A inferioridade desta segunda região está entre os motivos porque, em data ulterior, ela busca a parte correspondente — os lábios — de outra pessoa. (É uma pena que eu não possa me beijar — parece estar dizendo).

Octávio Paz (Cf.: 1992, p. 183) acrescenta que nesta fase também é comum as crianças aderirem à representação lúdica. É por meio de brincadeiras que recriam os fatos, que buscam reproduções equivalentes ao objeto sexual que fora perdido. Nesse estágio, é muito comum vermos meninos e meninas utilizando a fala como uma atividade criadora de diferentes realidades. A criança, com fantasia e criatividade, edifica um universo imaginativo e assim conforta sua solidão. Mecanismo que observamos em um clássico da literatura universal, **Alice no País das Maravilhas**, de Lewis Carroll (2008, p. 136), pois que a protagonista é uma astuta menina que imagina vivenciar inúmeras aventuras para fugir da monotonia de sua realidade:

O baralho todo se levantou no ar e veio voando para cima dela. Alice soltou um gritinho, meio de medo e meio de raiva, e tentou se defender, dando tapinhas nas cartas. Mas descobriu que estava deitada perto da margem do rio, com a cabeça no colo da irmã, que carinhosamente tirava algumas folhas secas que tinham voado das árvores e caído no rosto dela.

Mesmo quando emerge de sua fantasia e percebe que já não está no **País das Maravilhas**, Alice continua a crer que de fato esteve lá. Conscientemente ainda não desconfia da eficácia mágica de seus instrumentos para conter a solidão. O conflito nasce, portanto, quando a criança deixa de acreditar no seu poder inventivo, no pacto ficcional e/ou no mundo de encanto construído. Isto ocorre com a chegada da puberdade, fase em que a maturação dos caracteres sexuais passa por um processo de aceleração, em que os sentimentos de medo e angústia condicionam a solidão que se estabelece. Segundo Freud (1973, p. 118),

os processos da puberdade estabelecem a primazia das zonas genitais; e, no homem, o pênis, que tornou-se agora capaz de ereção, pressiona insistentemente no sentido do novo objeto sexual – a penetração numa cavidade do corpo que excita sua zona genital.

É nesta ocasião que o processo de encontrar um objeto (para o qual foram feitas preparações desde a mais tenra infância) finalmente se completa (pelo menos, aparentemente a sensação de completude é atualizada). Aliviar as tensões por meio do autoerotismo ou da imaginação já não é mais satisfatório. Apenas o encontro de um novo objeto sexual é capaz de interditar a solidão e restaurar a "felicidade perdida".

Para Octávio Paz (1992, p. 183), a adolescência é o período em que o homem adquire pela primeira vez consciência de sua singularidade. Mas com a consciência extrema de si, a adolescência só pode ser superada com a entrega, com o esquecimento de si pelo outro. É por isso que esta fase é marcada tanto pela solidão quanto pelo florescimento das relações mais ativas. A imagem do tradicional adolescente tímido, solitário, introspectivo, fechado em seu próprio mundo, facilmente se desintegra com o encontro de outros jovens que dançam, se divertem e andam em grupo. "Por isso, a adolescência não é apenas a idade da solidão, é também a época dos grandes amores, do heroísmo e do sacrifício."

A franquia **Harry Potter**, por exemplo, deve possuir um aprofundado conhecimento destes detalhes. Escritos pela britânica J. K. Rowling, os sete livros infanto-juvenis da saga do jovem bruxo causaram tanto alvoroço que foram adaptados para o cinema. Assim como os livros, os filmes narram a história de um adolescente solitário, órfão, rejeitado e maltratado pelos únicos parentes que lhe restaram. Ao não se

sentir pertencente ao meio em que vive, ele parte em busca de comunhão, seja esta representada por uma Escola de Magia ou por objetos encantados, como uma *Pedra Filosofal* ou um *Cálice de Fogo*. Sabemos que fatores estéticos e mercadológicos são decisivos para a receptividade desta obra, mas não podemos ignorar que as temáticas relacionadas à solidão inseridas em todos os livros de Rowling contribuíram para o fortalecimento do vínculo entre os best-sellers e o público juvenil, que nutre uma necessidade de "fazer companhia" ao protagonista solitário.

As investigações de Freud também têm sido amplamente difundidas nas análises literárias. Entre outros fatores, o desejo de encontrar um grande amor, a partir da relação de objeto, é frequente ideia que sustenta a tese de completude, difundido fartamente na perspectiva do amor romântico criado no final do século XVIII. Para Anthony Giddens (Cf.: 1992, pp. 51-2), este se caracteriza pelo amor sublime e pelo rompimento com a sexualidade, embora a abarque: o sujeito busca uma pessoa que, além de lhe propiciar prazer sexual, seja capaz de lhe conferir segurança psicológica, sem dar sinais de que colocaria em risco a relação no futuro, o que, na perspectiva freudiana, estaria para o reencontro com a representação da fonte primordial de prazer, o seio materno.

As grandes histórias costumam trazer personagens que lutam durante toda a narrativa para preencher seus vazios e não serem condenados à solidão. Este sentimento costuma gerar grandes tensões dramáticas, porque desencadeia os conflitos e aprimora os enredos. Até que a conquista do objeto do desejo seja satisfeita, os protagonistas atravessam sozinhos a trama ficcional, o que faz capturar o envolvimento / adesão do leitor. A cargo do antagonista, fica a responsabilidade de criar conflitos para impedir que o protagonista complete sua relação objetal.

Se na adolescência o desejo de comunhão com o objeto sexual se instala no sujeito, na maturidade os sintomas dessa necessidade adquirem maior extensão. Assim,

A frequência com que agora encontramos esta espécie de solitários indica a gravidade dos nossos males. Na época do trabalho em comum, dos cantos em comum, dos prazeres em comum, o homem está mais só do que nunca. O homem moderno não se entrega a nada do que faz. Sempre uma parte de si, a mais profunda, permanece intacta e alerta. (PAZ, 1992, p. 184).

Em A solidão da cidadania, o sociólogo Alberto Oliva (2000, p. 13) corrobora o pensamento de Octávio Paz ao afirmar que as relações interpessoais na Contemporaneidade estão cada vez mais fragilizadas, porque têm procurado se firmar em fatores superficiais. De acordo com o autor, os relacionamentos estão cada vez mais seduzidos pelo fetichismo da imagem, o que nos leva a manter contatos apenas frívolos,

pois "ninguém tem como se interessar por labirintos, próprios ou alheios, quando corpos esculpidos a toda hora se oferecem ao consumo do olhar ávido por prazer fácil". O fetichismo já preocupava Freud (Cf.: 1973, p. 45), quando atestou ser ele de caráter patológico, justamente no momento em que a busca se desliga do outro sujeito e passa a centrar-se em um aspecto único, fonte libidinal de todo o desejo. O interessante é notar que, hoje, este tipo de fetichismo não está voltado apenas para o outro, mas para o aprisionamento de uma "essência" indicada exclusivamente pela aparência. Não é exatamente o que tem ocorrido em nossa sociedade subjugada pela ditadura da beleza, em que as pessoas, para alcançarem o objeto de satisfação, buscam render-se ao império da imagem? Sejam por meio das plásticas, sejam por meio das dietas exageradas, muitos sujeitos na atualidade estão condicionados a um preocupante fetichismo: corresponder à ideia de belo e saudável, adaptando o próprio corpo para se emoldurar aos padrões aceitos e interessando-se apenas por pessoas que já tenham alcançado tal objetivo.

Na literatura de temática gay, este ideal já tem sido representado, ao ser visto – equivocadamente – como uma prática exclusiva dos homoafetivos: "Acho que a obsessão pelo corpo e pela juventude é a praga da homossexualidade", afirma o protagonista de **Matéria Básica**, um homem maduro que não consegue estabelecer relacionamentos duradouros. (EL-JAICK, 2007, p. 19).

É fácil perceber que a busca pela perfeição do corpo não é um desejo particular dos homoafetivos. As bancas de jornal estão abarrotadas com revistas ensinando métodos de "três passos" para o tão sonhado emagrecimento. As academias de ginástica bem como os parques destinados às atividades físicas estão igualmente cheios. Apesar dessas evidências, o culto à beleza parece não ser um hábito exclusivo da atualidade. Em **O Retrato de Dorian Gray**, clássico moderno da literatura ocidental, o escritor irlandês Oscar Wilde (2009, p. 33) nos relata uma história do século XIX, em que a beleza despertou loucura, devoção e tragédia:

A beleza é uma forma de gênio... mais elevada até do que o gênio, pois dispensa explicação. Faz parte dos grandes fatos do universo, como a luz do sol, ou a primavera, ou o reflexo, nas águas escuras, dessa concha de prata a que chamamos lua. A beleza não sofre contestação. Tem o direito divino da soberania. Torna príncipes os que a têm. Sorri, senhor Gray? Ah! Não tornará a sorrir quando perder a beleza... Dizem por vezes que a beleza é apenas superficial como o pensamento. Para mim, a beleza é a maravilha das maravilhas. Só os espíritos fúteis não jugam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível e não o invisível.

Nesse fragmento, Wilde rompe com o discurso preconceituoso e machista que costuma associar beleza à ignorância, além de proceder a um pensamento comum à Grécia Antiga, que supervalorizava a anatomia do corpo masculino. De acordo com Andrade (Cf.: 2011, p. 212), os gregos tinham por regra o investimento em exercícios físicos e atividades esportivas para que, desta forma, desenvolvessem os músculos e se tornassem ícones de beleza para a civilização vigente.

Freud (1973, p. 60) declara não ter dúvidas de que o conceito de belo está enraizado na excitação sexual, e afirma que seu significado original era "sexualmente estimulante". Nessa perspectiva, o *olhar* e o *ser olhado* fixam comportamentos-padrão nas interações sociais, de tal modo que: "Toda perversão ativa se acompanha, portanto, de seu equivalente passivo: quem quer que seja um exibicionista em seu inconsciente é ao mesmo tempo um *voyeur*". Para tanto, Freud assegura ainda que o exibicionismo e o *voyeurismo* são desenvolvidos nos primeiros anos da infância, fase em que as crianças são essencialmente imunes à vergonha. Elas demonstram satisfação em expor seus corpos, com especial ênfase nas partes genitais. Mas o interesse não fica restrito apenas ao mostrar. Quando o infante passa a ser reprimido e sente vergonha em exibir seu corpo, ele manifesta a curiosidade de ver a genitália de outras pessoas. Tais processos, em muitos sujeitos, não são superados e acabam desenvolvendo perversões. Outras pessoas, como já enfatizado, são estimuladas pelo circuito midiático, que nos bombardeia diariamente com estímulos audiovisuais.

Por outro lado, há quem só procure equilíbrio e plenitude por meio do retiro absoluto. Estar cercado de pessoas por muitas horas pode acarretar problemas graves: a insegurança, a competição desenfreada, as incertezas e o medo aumentam a carga de estresse. Fugindo das intempéries dos relacionamentos sociais, muitos se valem do isolamento como meio de proteção.

Para o sociólogo Danton Conley (2009, [s/p]), desejar ficar sozinho é positivo. Ele acredita que ao evitarmos a solidão, podemos estar formando uma geração incapaz de ficar sozinha, refletir e desenvolver a introspecção. Mas muitos sujeitos, por estes ou outros motivos, já não sentem medo de viverem sós. A construção de uma instituição familiar não é mais prioridade em um mundo cuja rivalidade profissional se torna cada vez mais presente, provocando forte mudança de valores. Na sociedade de consumo a independência financeira ocupa o lugar outrora reservado aos sonhos apaixonados. O número de solteiros tem crescido gradativamente, a pressão para que as pessoas se

casem diminuiu e as mulheres, enfim, podem se emancipar sem a obrigação de se prenderem a um homem. "Cada vez mais as pessoas estão se encaminhando para vivências solitárias. Desaprendeu-se bastante a conviver a dois, por exemplo, e assume-se a opção de ficar solteiro. É um fenômeno social, a humanidade está se adaptando à solidão." (GIKOVATE *apud* DINIZ, 2005, [s/p]). Quando não desejada, a solidão tende a aparecer em pessoas com baixa autoestima, que não se sentem satisfeitas com o que realmente são.

Em artigo publicado no livro **Literatura Contemporânea e Homoafetividade** (COSTA *apud* SILVA, 2011, p. 40), analisamos em um conto de Antonio de Pádua o drama vivenciado por uma personagem que, sem perceber, cria suas próprias armadilhas de solidão ao sabotar seus anseios:

Em "Flores de laranjeira, meu Deus, quanta besteira!", mais uma personagem desta construção literária parece absorver o discurso heteronormativo, e consequentemente, se torna vítima dele. Desta vez, Antônio de Pádua dá voz a uma mulher que vive o conflito de atender aos seus desejos ao mesmo tempo em que tenta se enquadrar no padrão de tudo o que lhe fora ensinado. O estereótipo do que é ser mulher, impresso nas profundezas do inconsciente da personagem, se transforma em um agravante no momento de estabelecer suas relações interpessoais.

Em sujeitos semelhantes ao personagem representado em "Flores de Laranjeira, meu Deus, quanta besteira!", dores, enxaquecas e vontade exagerada de dormir são sintomas frequentes, todos eles desencadeados pela solidão. O coração fica invadido por tristeza e melancolia. A solidão pode provocar dores físicas que nunca saram, uma vez que o solitário tende a passar para o músculo toda a tensão gerada pelo estresse de estar sozinho: é o que atesta o psiquiatra George Valliant (2011, p. 51), da Universidade de Harvard. Ele coordena um estudo sobre a saúde humana há trinta anos, e diz ter se surpreendido com os resultados de sua pesquisa nesses últimos tempos, porque sua descoberta comprova que o fator que influi no nível de saúde das pessoas não é a riqueza, a genética, a rotina nem a alimentação, mas os amigos. Para ele, "A única coisa que realmente importa é a sua aptidão social — as suas relações com outras pessoas". Isso porque, ao nos relacionarmos com outras pessoas, liberamos um hormônio chamado *oicitocina*, responsável pela diminuição da adrenalina e da pressão sanguínea, por aumentar os níveis de *interleucina*, componente químico do sistema imunológico que combate as infecções.

Não é de hoje que os pesquisadores enfatizam o quanto a solidão pode ser prejudicial. A necessidade de se ter a presença de alguém por perto é tão forte que pode nos afetar durante toda a vida:

A ansiedade nas crianças originalmente nada mais é do que uma expressão do fato de sentirem a perda da pessoa que amam [...] Um adulto que se tenha tornado neurótico em virtude da insatisfação de sua libido comporta-se em sua ansiedade como uma criança: começa a assustar-se quando está sozinho, isto é, quando está afastado de alguém de cujo amor se sentira seguro, e busca minorar este medo através dos expedientes mais infantis. (FREUD, 1973, pp. 120-1).

Se estabelecer relações humanas faz bem a nossa saúde, é porque se trata de nossa natureza humana, alicerçada em nossa cultura, e que nos conduz a um desenvolvimento. Nesse sentido, perguntamo-nos: quais agentes ou condicionamentos induziriam ou condenariam alguém ao isolamento?

3 – DOGMAS DA SOLIDÃO: IMPASSES ENTRE RELIGIOSIDADE E HOMOAFETIVIDADE

Para entendermos em quais paradigmas os comportamentos dos personagens do conto "O Segredo" estão alicerçados, faz-se necessário um levantamento dos discursos calcificados na construção ideológica dos sujeitos representados. Assim como os dogmas religiosos, são incontáveis os números de regras e modelos que nos dizem como devemos nos comportar. Recebemos impulsos de todos os lugares e de todos os sujeitos a nossa volta, seja por meio da mídia, dos familiares, dos amigos, em nossa cultura, dos políticos, no supermercado onde fazemos compras, etc. Sempre estamos propensos a agir conforme a conduta ideal que outros determinaram para nós.

Alberto Oliva (Cf.: 2000, p. 32) observa que Durkheim já nos revelava que a anulação do sujeito em prol da coletividade é um agravante que vem de tempos remotos quando, nas cidades gregas e latinas, a educação conduzia o indivíduo a subordinar-se cegamente aos grupos dominantes. A cultura ocidental reforça este pensamento por meio de suas manifestações socioculturais.

Em meio às regras e padrões, várias são as categorias de gentes prejudicadas. Ao perceber que não corresponde a estes requisitos que abrangem o padrão normativo, o sujeito é alocado para um estado de solidão, provocado pelo sentimento de *não*

pertencimento social. O problema ocorre quando este mesmo sujeito passa a desejar corresponder aos anseios de terceiros e provocar a anulação de si mesmo, como ocorre com vários homoafetivos, que desejam boicotar-se em prol da coletividade.

É a sociedade que nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses que não os nossos, que nos ensina a dominar as paixões, os instintos, e dar-lhes lei, ensinando-nos o sacrifício, a privação, a subordinação de nossos fins individuais a outros mais elevados. (DURKHEIM *apud* OLIVA, 2000, p. 62).

O Ocidente, alicerçado em uma cultura predominantemente cristã, nos que a preocupação "exagerada" com os anseios pessoais é uma prática egoísta, e que o sujeito considerado "bom" é aquele que se anula em nome de sua comunidade. Refletindo sobre o assunto, Zigmunt Bauman (Cf.: 2008, p. 55) destaca que o sacrifício de uma vida pessoal pela sobrevivência da coletividade é um meio pelo qual a existência é transplantada para um estado em que possa se sentir segura. A decisão de camuflar ou anular a própria sexualidade, no entanto, pode estar relacionada a desejos estritamente pessoais, se considerarmos o quão perigoso é se assumir homoafetivo em algumas localidades¹¹.

Em Heróis e exílios – Ícones gays através dos tempos, Tom Ambrose (2010, p. 16) revela-nos que esta perseguição que ultrapassa séculos se fundamenta no livro de Levítico, no Antigo Testamento, o qual parece ordenar a caça aos sodomitas: "Mas é universalmente reconhecido que o pecado que conduziu à destruição da cidade de Sodoma no Antigo Testamento não foi o sexo anal, mas a idolatria". O fragmento do texto bíblico que tem gerado diversas interpretações narra a recepção da cidade de Sodoma a dois anjos do Senhor, que vieram à casa de Lot, sobrinho de Abraão:

Mas, antes que se tivessem deitado, eis que os homens da cidade, os homens de Sodoma, se agruparam em torno da casa, desde os jovens até os velhos, toda a população. E chamaram Lot: 'Onde estão, disseram-lhe, os homens que entraram esta noite em tua casa? Conduze-os a nós para que os conheçamos'. Saiu Lot a ter com eles no limiar da casa, fechou a porta atrás de si e disse-lhes: 'Suplicovos, meus irmãos, não cometais este crime. Ouvi: tenho duas filhas, que são ainda virgens, eu vo-las trarei, e fazei delas o que quiserdes. Mas não façais nada a estes homens, porque se acolheram à sombra do meu teto. (GÊNESE, 19: 4-5).

Foi este recorte que conferiu aos termos *sodomia* e *sodomita* o sentido de prática/praticante do sexo anal. A igreja costuma ignorar que "toda a população" estava

¹¹ A América Latina não escapa do preconceito: a homossexualidade é ilegal na Jamaica, no Equador, onde há grupos de extermínio, na Nicarágua e no Chile, além das pequenas ex-colônias britânicas. No México contam-se diversos assassinatos, principalmente na tensa região de Chiapas, quase todos com a conivência e a participação da polícia. Mesmo quando ela não é ilegal, a predominância católica da região criou um arraigado preconceito na população, como na urbanizada e cosmopolita Argentina, onde não são raras as violências policiais. (FILHO, 2000, p 216).

presente nessa passagem, dando a entender uma falsa ideia de que a cidade de Sodoma era constituída apenas por sujeitos do sexo masculino. Outro aspecto importante é que na história da humanidade não encontramos nenhuma cidade em que todos os seus habitantes sejam homoafetivos, diferentemente do que atestam os hermeneutas fundamentalistas da bíblia em relação à Sodoma. O próprio texto bíblico expressa com clareza que na cidade havia "jovens e até os velhos", o que prova que o sexo convencional entre homem e mulher era praticado. Mas é a palavra "conhecer", presente no texto, que leva os mais radicais a acreditarem que ela está presente no sentido de manter relação sexual.

Lot, porém, oferece suas próprias filhas virgens para que os sodomitas não tenham contato com os anjos que estão em sua casa hospedados. Esta atitude representa para os fundamentalistas uma prova de que Lot era capaz de sacrificar suas filhas para que práticas ofensivas não se realizassem. Mais uma vez, ignoram o capítulo 18 de *Gênese*, em que Deus fala para Abraão que enviará dois anjos para Sodoma, no intuito de que estes averiguem se na cidade existem homens justos, alertando que, se não houvesse, destruiria a cidade com fogo e enxofre.

É o livro de Ezequiel (16: 49) que revela o verdadeiro pecado de Sodoma, deturpado até hoje por certas interpretações: "O crime da tua irmã Sodoma era este: opulência, glutoneria, indolência, ociosidade; eis como vivia ela, assim como suas filhas, sem tomar pela mão o miserável e o indigente". No desejo de não ver sua cidade e seus familiares devastados pela ira de Deus, não é difícil compreender porque Lot cogitou sacrificar a virgindade de suas próprias filhas no intuito de impedir que os anjos do Senhor não chegassem a conhecer os opulentos, glutões, indolentes e ociosos sodomitas, que em nada se confundiam com homoafetivos.

De acordo com Ambrose (2010, p. 42), a interpretação equivocada desta passagem do texto bíblico nunca foi retificada pelos religiosos, interessados em reforçar o ódio e a segregação para com os gays. Não tardou para que as relações homoafetivas passassem a ser interpretadas como um tipo de violação imperdoável à natureza humana, uma hostilidade ao Deus criador. Tais interpretações ganharam força no Ocidente, causando repulsa a certas práticas consideradas abomináveis. Por isso, muitos foram penalizados com a morte. O primeiro relato totalmente documentado de uma execução por sodomia ocorreu na Alemanha em 1277, denuncia o estudioso, que traça um panorama da história de vários massacres vivenciados por sujeitos que se

relacionavam sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Também, "No século XVIII, na República Dinamarquesa, 57 homens foram executados por sodomia em apenas um ano, e outros quase 200 foram forçadamente exilados por terem sido acusados de homossexualidade".

A história da Igreja, boa parte dela escrita a sangue, é combustível de acusações que listam quais crimes a prática sexual entre iguais é capaz de comportar.

Particularmente brutal foi o tratamento de um importante funcionário público de Genebra, Pierre Canal, que, sob tortura, confessou ser homossexual, tendo implicado mais de vinte outros homens. Canal foi quebrado na roda por traição e, depois, queimado vivo por sodomia. (AMBROSE, 2010, p. 19).

A perseguição aos homoafetivos sempre fora avigorada "didaticamente" pelos religiosos. Aurélio Agostinho de Hipona, popularmente conhecido por Santo Agostinho, é respeitado até hoje por seu desempenho como bispo, escritor, teólogo e filósofo. Sobre o religioso, Tom Abrose (Cf.: 2010, p. 12) afirma que nos deixou, entre um de seus vários ensinamentos, que, enquanto houvesse homoafetivos na Terra, o filho de Maria jamais retornaria. Hoje, tal afirmação pode soar absurda para uma considerável parcela da população, uma vez que os discursos pró-diversidade afloram nos meios midiáticos e a Igreja, costumeiramente envolvida em escândalos, já não possui a credibilidade de outrora, mas não significando que tenha perdido força e poder de influência¹².

A perseguição aos homoafetivos desencoraja a maior parte deles a assumirem quem são. Para Freud (Cf.: 1973, p. 63), a repressão sexual é um fator interno em sintonia com fatores externos, como a limitação da liberdade e a inacessibilidade de um objeto sexual. É sabido que a Igreja, ao criar o pecado, estabeleceu para o homem uma série de privações. A vida sacerdotal em si, exige o sacrifício das relações sexuais, e faz com que o sujeito internalize discursos que o conduzem a agir conforme diretrizes propostas pelo dogma, ao controle de corpos e mentes feito com a ameaça de ser castigado caso não proceda conforme os preceitos de Deus:

Para os nossos ancestrais, o mal nascia ou despertava no ato de pecar e retornava aos pecadores na forma de punição. Se os seres humanos seguissem firmemente os mandamentos divinos e preferissem rotineiramente a bondade em vez do mal, este não teria de onde sair. O mal talvez existente no universo podia ser atribuído em sua totalidade, sem resíduos, aos seres humanos — a seus atos iníquos e pensamentos pecaminosos. A presença do mal — qualquer tipo de mal, tanto os

¹² A homossexualidade ainda é ilegal na maior parte dos países muçulmanos e em todos os africanos, com exceção da África do Sul. Na Índia, Malásia, Rússia, Cuba, China e mesmo em alguns estados dos Estados Unidos, mesmo que a lei seja raramente cumprida, ela está lá. A pena de morte existe em países como a Arábia Saudita, Irã e Afeganistão, que esqueceram o seu passado tolerante com a homossexualidade de alguns séculos atrás. (FILHO, 2000, p 215).

dilúvios e as pragas que afetam a todos como as infelicidades individualmente sofridas — era um problema moral, da mesma forma que moral era a tarefa de enfrenta-lo e força-lo a desaparecer. Com o pecado e a punição sendo os principais instrumentos do pensamento na caixa de ferramentas da razão, a contrição e a expiação constituíam as rotinas naturais e seguras a empregar na busca de imunidade em relação ao mal e na luta para expulsá-lo do mundo dos humanos. (BAUMAN, 2008, p. 76).

Deste modo, a homoafetividade ao ser um atributo rechaçado pela cultura heteronormativa e pelos dogmas religiosos que tratam a diferença sexual como abominação recebe sentidos negativos, como falha de caráter e desvio de conduta. Uma vez que o sujeito homoafetivo internaliza estes discursos, Zigmunt Bauman acredita que ele busca agir de acordo com a sua racionalidade. Contudo, discordamos do autor nesse aspecto, pois acreditamos que, na verdade, o homem, e em particular o gay, tem suas ações impulsionadas por pulsões de desejos lacunares, para além do que permite a razão escolher. Também, tolhido pela fundamentação teológica, o sujeito homoafetivo recalca a possibilidade de racionalizar sua existência para além do dogma abraçado. Esta ideia é comprovada pelos próprios cristãos, que entendem como desrespeito qualquer contestação que se faça a suas crenças, no temor de que a razão abale os alicerces de tudo o que julgam ser a única verdade.

Tamanha repressão à homoafetividade está estritamente vinculada às relações de domínio, uma vez que o poder está centrado nas mãos de homens de endosso patriarcal. Qualquer segmento que ousar mexer nos alicerces desta "edificação", logo será interpretado como um afrontamento. Aqueles que transgridem e vivenciam sua sexualidade da forma como ela realmente se manifesta se impõem como sujeitos livres, que rejeitam obedecer e sustentar as ideias que norteiam a cultura dominante. E, por isso, incomodam! Assim, "A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão de poder." (GIDDENS, 1992, p. 49). De acordo com Pinto (2008, p. 158), em artigo publicado no livro **Aspectos da literatura gay**, os ativistas da heteronormatividade fazem uso de uma série de recursos para estigmatizar e vetar os homoafetivos, e é o isolamento um dos principais recursos utilizados: "a solidão aparece como uma espécie de 'punição' àqueles que escolhem seguir uma orientação diferente do padrão; são como que sujeitados a padecer eternamente neste estado, longe de tudo o que é vida social". Ao ter o seu desejo transformado em aberração, o homoafetivo é obrigado a conviver com sentimentos de rejeição, angústia, ansiedade, tristeza, desprezo e solidão. Esta

última se transforma em uma prisão interna, quando o homoafetivo descobre que ele próprio não corresponde a expectativas pré-estabelecidas socialmente.

Além das fronteiras das Igrejas, os líderes cristãos atualmente ocupam espaços políticos e áreas de fomentação de conhecimento. "Queremos defender a vida, a família e os valores evangélicos. Há uma minoria tentando impor, para que o anormal seja considerado normal. Queremos continuar com o direito de sermos normais", criticou o líder do Partido Humanista da Soliadariedade, Miguel Martini (LIMA, 2010, [s/p]). Evangélicos e católicos; padres e pastores exercem no Brasil posições importantes, o que afeta inegavelmente o destino do cidadão homoafetivo. Tal movimentação política tem despertado o interesse de gays que, para não verem seus direitos usurpados, estão se posicionando de modo ativo, defendendo a ideia de que a criação de Leis que os beneficiem não põe em risco a continuidade da civilização humana, como é o caso do escritor e Deputado Federal Jean Wyllys (Cf.: CELASTINO, 2011, [s/p]). É na arena entre o religioso e o político que, no Brasil, o debate da extensão dos direitos a gays vem sendo acirradamente discutido. Tais assuntos, pois, estão marcadamente inscritos na Obra de Antonio de Pádua, particularmente em "O Segredo", objeto da análise seguinte.

3.1 - A Lei do desejo: quando a repressão prejudica as relações¹³

O conto "O Segredo" inicia com um traço que parece marcar a escrita de Antonio de Pádua: a referência, entremeada por críticas ao cristianismo. Em suas palavras de abertura, o narrador nos conduz a uma igreja aparentemente secular, isolada no alto de um abismo, à frente do oceano. Aos olhos do leitor desatento, parece ser apenas a descrição do espaço para situar a trama, mas trata-se de um posicionamento crítico do que já se apresenta na descrição do espaço:

O céu nublado e a igreja naquele morro. Aos pés de um despenhadeiro, não se sabe por qual motivo. [...] De lá, lá do alto, via-se o mar infinito que se jogava ao mesmo tempo em que fugia daquelas terras. Batia naquela encosta e recuava imediatamente: não queria se prender onde não havia valor. (SILVA, 2010a, p. 35).

_

¹³ O título desse tópico é uma referência direta à película *La ley del deseo,* do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, lançado em 1987 pela Madrid Film S.A, 102 min, colorido, Espanha.

Neste fragmento, lemos o mar como metáfora do indivíduo, ao passo que a encosta está para a igreja. A metáfora é "a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição de gênero para espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para espécie outra, por via de analogia." (ARISTÓTELES, 2006a, p.182).

Por se tratar de um conto de temática homoafetiva, este sujeito representado metaforicamente é o homoafetivo que vai até a igreja e, ao encontrá-la, vê sua individualidade tolhida pelos rígidos dogmas alicerçados na heteronormatividade institucional do catolicismo. No conto, a imagem em destaque se constrói pelo mar que bateia na encosta e retorna ao oceano, porque: "não queria se prender onde não havia valor".

A relação mais explícita entre a religião e a homoafetividade ocorre ainda nestas primeiras linhas: "As duas pequenas torres da igreja pareciam um sinal da anunciação." (SILVA, 2010a, p. 35). Para o simbologista Jean Chevalier (Cf.: 2002, p. 889), na tradição cristã a torre tornou-se símbolo de vigília e ascensão. Na cultura ocidental ela também é a representação do falo ereto impondo a todos seu poder. Torres e obeliscos são erguidos nas principais cidades do mundo sem que a maioria das pessoas tenha conhecimento de que elas estão lá representando força e fazendo distinção valorativa entre os gêneros. No conto "O Segredo", ao ser enfatizado pelo narrador que as duas torres (provavelmente postas uma ao lado da outra) prenunciavam os fatos que estariam por acontecer, consideramos que o autor representa na própria arquitetura cristã uma referência à união de dois órgãos genitais masculinos ou, também, ao sinal de igualdade: ambos emblemas semióticos alusivos à homoafetividade.

No conto, a descrição da igreja recebe mais atenção: "A igreja antiga, sem pintura viva, fresca: viva na sua velhice mórbida." (SILVA, 2010a, p. 35). O narrador anticlerical traz para o leitor a mensagem de que apesar de a Igreja ser uma instituição antiga, foi capaz de se manter firme até hoje, semeando o que para ele é morbidez, doença. A descrição do espaço nesta narrativa é tão rica semiologicamente que as referências aos conflitos, que entremeiam a vida do sujeito gay, abrangem várias particularidades. "Ao redor da igreja, em ambos os lados, árvores sem frutos." (SILVA, 2010a, p. 35). Nesta passagem, os seres que não geraram frutos podem estar tanto para a castidade dos celibatários imposta pela doutrina cristã, quanto para os homoafetivos, incapazes de se reproduzirem entre si, e mais uma vez, neste sentido, destinados à solidão.

Descrito o espaço em que a narrativa do conto se passa, é-nos apresentado o primeiro personagem. Sebastião é um padre que se apresenta coberto por um imenso manto negro, sem revelar seu rosto. Em passos firmes, ele caminha até a igreja aparentemente abandonada, tomando cuidado para não ser seguido. Ao chegar ao prédio, ele percebe que em seu interior há um homem rezando de maneira rápida, com bastante nervosismo, utilizando as preces para acalmar sua ansiedade. É o padre Afonso, a pessoa por quem ele procurava: seu amigo e amante ao longo de uma década em sigilo, esclarecendo o título da narrativa. A entrada de Sebastião na igreja, porém, é barrada por Afonso, que o entrega um bilhete com a seguinte mensagem: "aprendi a me virar sozinho e se ainda te dou linha é pra depois te abandonar". É o suficiente para que Sebastião saia do local às pressas, em meio a um angustiante turbilhão de sentimentos.

Notamos que mais símbolos formam importantes construtos linguísticos no conto: "O manto é símbolo das metamorfoses por efeito de artificios humanos e das personalidades diversas que um homem pode assumir" (CHEVALIER, 2002, 589). A imagem do homem encapuzado indo até a igreja nos comunica que, naquele local, algo nele não pode ser enxergado. E é neste sentido, a homoafetividade do personagem que precisa ficar encoberta, mantida em segredo, longe da vista dos outros que, assim como ele, acreditam que o modelo heteronormativo de vida é o único aceitável.

No conto, a alegoria do manto negro pode não representar apenas o encobrimento da homoafetividade do personagem, mas seu revés, ou seja, a revelação dela; seria a representação de que o personagem possui uma característica até então desconhecida, simbolizada por meio da capa, uma espécie de segunda pele revestida por Sebastião, ou a sobreposição (metaforizada) da homoafetividade sobre a heterossexualidade. A cor negra do artefato também é uma escolha proposital do autor, visto que esta representa obscuridade, mistério e o mal — três características que integram a representação que a Igreja faz dos homoafetivos.

Com versos que nos remetem à música **Garganta**, da cantora Ana Carolina (assumidamente bissexual), a temática da solidão começa a ser abordada no conto de maneira mais explícita. Para o infortúnio de Sebastião, seu amante, Afonso afirma por meio de um bilhete que aprendeu a conviver com a solidão, e que não relutará em minar o relacionamento dos dois. À primeira instância, esta atitude pode significar a independência emocional do sujeito, que não se incomoda em conviver sem a presença

de um parceiro, que seria também seu "objeto sexual", mas logo descobrimos que a decisão tomada confere uma repressão, uma punição impositiva.

O medo do personagem Afonso de vivenciar uma relação homoafetiva se faz por ecos do presente e do passado que ainda assombram as paredes da Igreja e atuam com vigor na consciência dos sujeitos, principalmente na do cristão. Este, além de acreditar na punição humana (por parte dos que o iriam discriminar), é constantemente ameaçado pelo julgamento divino, que supostamente condena o homoafetivo ao Inferno. Afonso também sabe que, com base no cargo que ocupa, um desvio na sua conduta centrada na heterortodoxia pode sentenciá-lo com penalidades desumanas¹⁴.

É interessante perceber como neste conto a repressão aos impulsos homoafetivos se faz presente nos dois personagens. Ao receber a negativa de Afonso e ser enxotado da igreja, Sebastião reativa as normas eclesiásticas e submerge a um estado de culpa, desenvolvendo, ele mesmo, sua punição. "Por mais inconformado que estivesse ou fosse, não merecia a misericórdia divina, o olhar para o alto." (SILVA, 2010a, p. 37). Neste sentido, talvez não fosse exagero comparar as ações de Afonso e Sebastião com as dos homens-bomba que – em um desejo desesperado de atenderem às necessidades de seus compatriotas e do profeta Maomé – se desfazem de suas próprias vidas.

Uma forte angústia recai sobre o corpo de Sebastião e ele aceita cada dor e aflição como sendo merecedor delas. Olha para a porta da igreja, pensa em voltar até Afonso, mas hesita. Permanece isolado, tendo apenas a amargura como companhia. A solidão completa seu ciclo e se configura, enfim, como a mais ingente pena decretada a Sebastião.

Ao buscar adequar-se às normas impostas pela cultura dominante e aceitar o discurso heteronormativo sem contestações, os personagens de "O Segredo" pagam o preço por não atenderem a seus desejos. E esse preço é a solidão! "Invadiu-lhe um medo de estar só, uma fraqueza por se censurar, uma vontade de fugir e correr para bem perto da cruz." (SILVA, 2010a, p. 38).

¹⁴ A situação é particularmente grave na Colômbia, onde mais de 500 gays e lésbicas foram assassinados por grupos de extermínio desde o início da década de 1990; e no Zimbábue, nação africana governada pelo apartheid até poucos anos, onde o presidente Robert Mugabe declarou em meados da década que os direitos humanos deveriam ser negados aos gays e lésbicas, e que eles deveriam abandonar 'voluntariamente' o país. Ele proibiu também a realização de uma feira internacional de livros no país cujo tema era precisamente direitos humanos. (FILHO, 2000, p 215).

Como aprecia Freud (Cf.: 1973, p. 79), a necessidade de encontrar um objeto sexual gera fortes tensões no sujeito, que só são exterminadas quando satisfeitas. É por isso que Sebastião não se controla e, numa última tentativa de não ficar sozinho, volta até a igreja e chama Afonso descontroladamente. Este último, por outro lado, se demonstra mais firme em sua autocensura, e não responde aos apelos do amante. Sebastião, por sua vez, "olha em volta e se vê sozinho naquele mundo em que as companhias não existiam, em que as pessoas tinham que aprender a viver sozinhas e contando apenas com a promessa da presença divina." (SILVA, 2010a, p. 40). Quando imposta, não há dúvidas de que a solidão é nociva. Sebastião chora compulsivamente ao perceber que nem a presença do Deus em que acredita pode combater sua sensação de desamparo: "Os olhos que se mostraram por um instante estavam amolecidos. As olheiras, a profundidade do sofrimento não era fingimento. Aquilo era uma prova da derrota de um ser." (SILVA, 2010a, p. 40).

Muitas pessoas ainda sustentam a tese de que as lembranças ajudam a combater a solidão. Mas ao se por em contato com fotos, cheiros, cartas, músicas ou qualquer artefato que remeta a uma boa época do passado, o solitário tende a alimentar sua dor. É o que ocorre com o personagem Sebastião que, ao ir atrás de Afonso, reafirma a perda do seu "objeto sexual", o que acarreta ainda mais sofrimento para o personagem: "Sentiu o cheiro de estranho, o cheiro que um dia conheceu. A saudade veio-lhe abrindo as entranhas como quem morre e só morre. Chorou copiosamente. É isso: desatou num choro convulsivo." (SILVA, 2010a, p. 40).

A reação de Sebastião não só reafirma a necessidade de se encontrar um "objeto sexual", como reflete o quanto estamos programados para depender afetivamente dos outros. As relações interpessoais, principalmente as de sentido amoroso, são tratadas pela maioria de nós como uma atividade vital à sobrevivência. A não concretização de um relacionamento sexual ou sua ruptura pode simbolizar a sensação de morte. "Saturada como é de mortes metafóricas, a vida líquido-moderna é uma vida de suspeita permanente e vigilância incessante." (BAUMAN, 2008, p. 66). Vivemos em uma época de tensão nos relacionamentos que, de tão efêmeros, colocam os casais na torturante dúvida de quem romperá o vínculo afetivo primeiro. Para o sujeito homoafetivo, ser rejeitado por um parceiro sexual/amoroso ou não conseguir estabelecer uma relação – duradoura ou momentânea – que o tire do estado de solidão, é mais uma maneira da "vida" lhe etiquetar como *excluído*. E, por isso, tais processos podem ser bem mais

difíceis de ser enfrentados pelos gays, diferentemente dos heterossexuais, que não são vistos como indesejados por sua sexualidade. A ideia de que o objeto sexual possui uma representação de particularidade fundamental para a sobrevivência do sujeito é verificada no próprio conto:

Enquanto desmaiava em vermelho, uma mão que sangrava de dó saiu por entre uma fresta da porta. O portador daquela mão entoava um canto triste, uma elegia, uma antiga melodia que invocava alguma coisa triste. Tocou-lhe os dedos quase sem vida. Soprou-lhe um vento de esperança. O corpo caído sentiu a fragrância sem medo, abriu um pouco os olhos com a força que lhe era permitida. Teve receio de acreditar. Mas era verdade. Até ali, sentiu, estaria a salvo. A vida passou a correr-lhe pelas veias. (SILVA, 2010a, p. 41).

A chegada de Afonso devolve a Sebastião a sensação de estar vivo. A alegoria construída nessa passagem, porém, nos remete a imagens mais elaboradas, possivelmente não identificadas pelo leitor em uma primeira leitura. Ao desmaiar "em vermelho", cor que nos remete a sangue, sexo e paixão, o narrador invoca o violento massacre sofrido por inúmeros homoafetivos no decorrer do tempo, bem como os entraves emocionais por que passa o protagonista do texto. Para Chevalier (2002, p. 945) "o vermelho perpetuamente é o lugar da batalha – ou da dialética – entre céu e inferno", o que, no texto, estaria para os conflitos entre a aceitação da homossexualidade e a sua repressão. Segundo o simbologista (Cf.: 2002, 944), o vermelho também é a cor que alerta, que detém, incita a vigilância. Ele está nos sinais de trânsito, nas placas de proibição de cinemas e salas de cirurgia. O vermelho constantemente é utilizado para nos fazer parar, nos ordenar, controlar nossos impulsos. Ao "desmaiar em vermelho", Sebastião estaria, literalmente, impedindo a manifestação de atitudes homoafetivas. Desfalecido, ele nos é pintado como um personagem que foi abandonado pela religião, pelo outro de seu afeto e, o que é pior, por ele mesmo.

Nesse momento, testemunhamos a solidão imperando sobre Sebastião: "*Uma mão que sangrava de dó saiu por entre uma fresta da porta*". Como que vinda dos céus, o narrador projeta no conto a imagem da mão de Jesus, ainda marcada pela chaga no momento de sua crucificação. Não é à toa que ela sai "*por entre uma fresta da porta*" do que se convencionou chamar de "casa do Senhor", ou seja, da própria igreja. A ideia de que Afonso assume a imagem do Cristo nesse ponto da narrativa se afirma quando ele realiza um "milagre", e devolve para Sebastião, por meio de um sopro, a vida. A mensagem transmitida pelo autor nesta passagem é: Jesus não só aceita os homoafetivos, como é capaz de confortá-los diante dos infortúnios sofridos.

Como sabemos, o espaço da narrativa de "O Segredo" é um ambiente isolado, distante do julgamento e da repressão da ordem vigente. O narrador então anuncia que o dia está indo embora; velando o convalescente, a noite chega. Com a escuridão e o silêncio que ambienta e climatiza a tristeza, o cenário finalmente se torna adequado para que os personagens se sintam à vontade para dar vazão a seus sentimentos. É quando o amor se descortina por meio de um beijo apaixonado.

As relações homoafetivas, por serem transgressoras, são mantidas encobertas pela imagem da escuridão e da noite, o que reafirma a noção de que, no conto, o espaço ficcional constrói-se numa estreita relação com a condição da personagem. A ideia de que os atos homoafetivos só podem se configurar em espaços secretos e/ou obscuros é atestada por Fernandes (2008, p. 118), ao afirmar que o espaço ficcional na chamada literatura gay "parece fechar campos de interpretação para os personagens, corroborando a prática 'abusiva' e 'discriminatória' de que o gay pode ser uma espécie de projeção do ambiente por onde circula".

O capuz caiu e o rosto do corpo até então não visto dava-se à mostra. O bigode ainda estava por fazer. O rosto franzino era de quem há muito vem sofrendo e passando fome. Era padre Sebastião que vestia aquele hábito. Sabia que não tinha escolha. Ou apelava para Afonso, o homem que ama, ou morreria à míngua na solidão de seu cárcere religioso. Não suportou mais a clausura que havia imposto a si mesmo, numa tentativa de fugir do caminho do demônio. Parece que este venceu, foi mais forte, pois quanto mais se distanciou de Afonso mais saudade sentiu, mais o queria por perto. Abandonou-se à sorte, não comia, não dormia: só sofria. (SILVA, 2010a, p. 42-3).

É só após o beijo, que o capuz de Sebastião cai e seu rosto é finalmente revelado. O sentido trazido por esta imagem é o de que, na morte, não há como esconder-se da fatal realidade. A mensagem transmitida pelo escritor é a de que Sebastião ganha os contornos do rosto, é chamado pelo nome, é reconhecido enquanto sujeito, após a concretização genuína de aceitar-se integralmente. Mas, para que este processo de autonomia do sujeito ocorra de maneira efetiva, é preciso romper com as amarras ideológicas das normas de gênero hegemônicas, pois "somos encorajados a projetar e depois executar sozinhos, cada um por si, todos os instrumentos legislativos, executivos e jurídicos da sinfonia da política de vida" (BAUMAN, 2008, p. 67).

O final do conto expõe como a saudade, o apego e a dependência afetiva são características basilares para o desenvolvimento da solidão. Para o cristão homoafetivo, a realidade concreta se torna ameaçadora, uma vez que ele se enxerga como 'aquilo' que ele próprio abomina. "Boa noite, Tião, despedia-se Afonso. Sebastião fechava os

olhos lacrimejados, mas aquilo não era sinal de morte". (SILVA, 2010a, p. 43). O fechar dos olhos, a recusa em enxergar a realidade, sustenta no sujeito homoafetivo que reprime sua sexualidade o que, para Oliva (2000, p. 49), é a manifestação da solidão da cidadania: "é quando o indivíduo é tratado como objeto do poder, massa de manobra ou degrau para o alpinismo social. Toda vez que é manipulado e oprimido, perde o indivíduo a condição de ente sagrado portador de valor ético absoluto".

Nas últimas linhas do conto, o narrador finaliza: "o mundo escureceu, um frio repentino, nenhum soar de sinos" (SILVA, 2010a, p. 44). De acordo com Chevalier (Cf.: 2002, p. 835) o badalar dos sinos simboliza o apelo divino ao estudo da lei, a obediência à palavra divina, numa espécie de comunicação entre o céu e a terra. Ao concluir a narrativa sem "nenhum soar de sinos", o narrador silencia, simbolicamente, as leis religiosas que obrigam a homoafetividade a se manter oculta, deixando prevalecer para os personagens da ação e para nós, leitores, o discurso em prol da liberdade e da diversidade.

Em "O Segredo", a solidão, o isolamento, é mais uma vez a alternativa – ou o destino – encontrado por personagens homoafetivos, mesmo quando estes parecem ter descoberto alguém para a concretização de uma parceria amorosa, o que anularia a condenação ao desamparo. Os personagens quando não segregados, tendem a realizar a autopunição por meio do distanciamento, encarar seus desejos e própria existência de modo trágico. Também, constatamos que para o sentimento de solidão se estabelecer em um sujeito homoafetivo, não é necessária a inexistência de vínculos pessoais. Os personagens da narrativa são padres, fazem parte de uma comunidade cristã, e (presume-se) possuem tarefas e obrigações diárias, mas que não são suficientes para que a sensação de abandono não seja estabelecida. Dornelas (Cf.: 2007, p. 04) destaca que, para a solidão se configurar, não é preciso que as relações interpessoais não existam, pois a falta do sentimento de pertença social e de subsídios que forneçam ao sujeito uma referenciação de *ser no mundo* são suficientes para que a solidão aconteca.

4 – "OBSCENIDADE" EM CENA: O DESNUDAMENTO DA HOMOAFETIVIDADE

O conto "Obs-ceno" aborda temáticas relacionadas à configuração da identidade de gênero e aos relacionamentos casuais, efêmeros, em contraponto ao que pudemos observar em "O Segredo". Um panorama teórico acerca desses assuntos, portanto, fazse necessário para melhor absorção dos sentidos impregnados na narrativa. Anthony Giddens (Cf.: 1992, pp. 140-1), os homens lidam com a intimidade de maneira diferente das mulheres por terem seu lado emocional reprimido pelas regras da masculinidade, que consideram qualquer expressão sentimental do sujeito masculino como sendo própria do caráter feminino. Em contraponto, os homens, durante todo seu desenvolvimento psicossocial, possuem a sexualidade estimulada e liberada. Com as mulheres, o processo é inverso. Elas são estimuladas, desde pequenas, a manifestarem suas emoções, mas têm seus impulsos sexuais castrados. Tais fatores desencadeiam nas meninas um senso mais arraigado de sua identidade de gênero, porém mais fraco em relação à sua autonomia e à individuação de seus desejos, porque são doutrinadas a reprimirem seus anseios sexuais: fechem as pernas, dizem-lhes comumente os pais. Os meninos, por outro lado, são lançados a agir com mais independência, embora o preço emocional a ser pago seja alto. Há um recredenciamento emocional da excitação que pode levar o menino à frustração, quando inserido nas relações interpessoais, porque se constata frequentemente sua incapacidade para estabelecer vínculos afetivos saudáveis.

Nesse sentido, muito da sexualidade masculina é incitada por uma busca mal executada do amor, comumente mergulhada num conflito frustrante entre desejo e medo. Apesar das imposições sexuais heteronormativas, ele experimenta sua sexualidade de forma autônoma e não se limita a concretizar suas vontades. A aparente independência, porém, não o liberta dos problemas emocionais predefinidos pela cultura masculina, que o inviabiliza de constituir relações de intimidade mais duradouras e profundas.

De acordo com Ambrose (Cf.: 2010, p. 197), a criação de uma identidade gay teve início na Europa do século XVIII, quando a migração para as cidades e a necessidade de se juntar na resistência à perseguição aos homoafetivos criaram condições para a emergência de uma cultura gay. Esta necessidade dos que se atraem

por pessoas do mesmo sexo de se diferenciarem dos heterossexuais é motivada historicamente por fatores políticos, uma vez que estes precisam de leis que lhes outorguem direitos específicos.

Esta sensação de incompletude, atrelada à imaturidade emocional dos homens, resulta no que Giddens (1992, p. 74) chamou de *amor confluente*. Este, diferente do amor romântico, não prioriza a exclusividade sexual. "O que mantem o relacionamento puro é a aceitação, por parte de cada um dos parceiros, 'até segunda ordem', de que cada um obtenha da relação benefícios suficientes que justifiquem a continuidade." Neste sentido, a exclusividade sexual só permanece no relacionamento até o momento em que ela não é considerada um incômodo. É por isso que o *amor confluente* tende a ser ativo, embora seja eventual, esbarrando em pensamentos idealizados de fidelidade e de felicidade eterna, prefigurados culturalmente pelo amor romântico. Na sociedade do *exibicionismo* e do *voyeurismo*, em que, a princípio, todos têm a oportunidade de se realizarem sexualmente, o amor confluente desenvolve-se como ideal. Para Oliva (2000, p. 35), esta coisificação do sujeito é um resultado da sociedade contemporânea, que reflete a banalização do consumo nas relações interpessoais:

As técnicas e os objetos já não têm mais direito de envelhecer. São substituídos antes de se mostrarem incapazes, antes de morrerem. E não há como dar início a uma relação afetiva com o que, ao chegar, já começa a partir. Não há dúvida de que a obsessão em colocar outra coisa melhor no lugar da que existe é uma das molas propulsoras do 'progresso'. Só que nas sociedades em que impera a descartabilidade, determinada por imperativos econômicos e tecnológicos, alguns valores éticos precisam ser tomados como absolutos para evitar que tudo, inclusive o homem, seja visto como mero degrau.

Apesar de aparentar desapego, a incessante troca de parceiros demonstra, na verdade, uma forte necessidade de neutralizar a carência provocada pelo sentimento de solidão. "Geralmente, por trás de um comportamento sexualmente viciado, há um desejo de um relacionamento continuado." (KASL *apud* GIDDENS, 1992, p. 91). As pessoas sexualmente viciadas veem-se presas a um ciclo em que sua principal fonte de poder não é o objeto em si, mas o processo da conquista sexual. É ele que preenche a necessidade de repleção e, por isso, tais sujeitos têm um desprezo dissimulado por seus objetos, porque a finalidade não é o outro e, sim, o meio de possuí-lo.

Este hedonismo é comumente associado aos homoafetivos. A sexualidade episódica, no entanto, pode se apresentar como uma maneira de se evitar a intimidade. Na ilusão de que são emocionalmente independentes, muitos gays aderem à troca continuada de parceiros, acreditando se posicionarem, desta forma, como sujeitos fortes.

Ledo engano! A dependência emocional é verificada, justamente, na incapacidade de ficar sozinho, uma vez que o término de cada relação é apenas o prelúdio de mais um novo encontro amoroso. (Cf.: GIDDENS, 1992, p. 98).

Assim, como a sede é um sinal de que devemos beber água e a fome é uma mensagem orgânica de que devemos ingerir alimento, o sentimento de solidão é um alerta de nosso corpo informando que devemos buscar companhia e romper o isolamento. De acordo com Poles (2000, p. 128), o sujeito que possui um relacionamento estável é mais saudável que o solteiro, e a probabilidade de ele cair em depressão, abusar do álcool, consumir drogas ou cometer suicídio, é consideravelmente inferior. Ele afirma que, entre os solitários, os riscos de morte por infarto e hipertensão são dobrados. Os óbitos por câncer de garganta são quadruplicados e os casos fatais de pneumonia aumentam em sete vezes.

Os homens, desde a pré-história, são "treinados" a se inserirem nos espaços públicos, por meio de caças, combates e conquistas de novos territórios. O espaço privado, por outro lado, sempre fora destinado à mulher, que recebeu a missão de cuidar das atividades domésticas. Depois da II Grande Guerra, o desenvolvimento econômico acelerou suas premissas havendo a necessidade de as mulheres serem cada vez mais convocadas a participar do processo de produção e a prerrogativa de universalizar a educação vem estruturando mudanças que influem nos padrões morais da sociedade. Com tais parâmetros, os homens solitários tendem a levar uma vida privada desregrada, parecendo fazer o caminho inverso das mulheres. Elas, além de condicionadas desde a infância a se preocuparem com o bem estar doméstico, são mais gregárias e costumam organizar os encontros interpessoais entre os grupos de amigos e familiares. Os homens solitários, por outro lado, tendem a se fechar e isolar-se dos ciclos sociais considerados saudáveis, aumentando sua sensação de desamparo (Cf.: POLES, 2000, pp. 128-9).

O desejo exacerbado de o sujeito gay masculino encontrar um objeto sexual é mais facilmente compreendido quando observarmos como se constitui a noção de família na cultura ocidental. Vista como unidade básica da sociedade formada por indivíduos com ancestrais comuns, a *família nuclear* tradicional, alicerçada pela instituição do casamento, não alcança as relações homoafetivas. Ao não se identificar com o padrão familiar heteronormativo imposto pela sociedade, o gay se vê "livre", longe das diretrizes sociais criadas para enquadrar os sujeitos heterossexuais. Ele passa,

pois, a criar e testar regras secundárias que se desviam da moral vigente e, muitas vezes, confina-o em guetos estigmatizados.

Sobre o casamento, Paz (Cf. 1992, p. 179) conjectura que ele não foi criado para embasar o amor entre dois sujeitos, mas para sustentar normas jurídicas, sociais e econômicas do Estado. Como condição de estabilidade, a família passa a repousar nos preceitos do casamento, que se transforma numa projeção doutrinária da sociedade. O casamento possui uma natureza profundamente moralista e conservadora como regra de sua manutenção. Desobedecer às regras do casamento é destituir as próprias bases que regem a sociedade ocidental. Neste sentido, o relacionamento homoafetivo é muitas vezes compreendido como um fenômeno antissocial, pois, cada vez que consegue ser realizado, viola o casamento e transforma-o em algo, para muitos, inaceitável: "a revelação de duas solidões que criam por si mesmas um mundo, que quebra a mentira social, suprime o tempo e o trabalho e se declara autossuficiente" (PAZ, p. 180).

Para não se mostrar ineficaz em suas regras, a sociedade, ao perceber rupturas em suas leis e indiferença às formas de punição, tende a abrir concessões a grupos transgressores. Dessa forma, sob a presidência de Dilma Roussef, o Brasil, no dia 05 de maio de 2011, teve aprovado pelo Supremo Tribunal Federal, o artigo 1723 do Código Civil, que reconhece a união estável entre homoafetivos. Apesar de ser um paliativo para o movimento gay brasileiro, que luta pela aprovação do casamento legal entre homoafetivos, o reconhecimento da união estável é um vislumbre de que o sujeito gay pode chegar a ter todos seus direitos de cidadão validados.

A incapacidade de gerar filhos é o apontamento mais utilizado pelos que reprovam a homoafetividade. Os gays, ao estabelecerem uniões homoafetivas, recusam a própria fertilidade, o que, para muitos conservadores, é uma heresia. Romper com o paradigma do "nascer-crescer-reproduzir-morrer" é uma atitude vista pela sociedade conservadora como agressão à natureza humana. É o que observa Filho (2000, p. 250), ao afirmar que

os solteiros, libertinos, homossexuais, prostitutas serão todos condenados pela medicina por ameaçarem o equilíbrio da família, do sexo higiênico, voltado para a procriação e para a reprodução dos valores da família burguesa e por se negarem a ser bons pais e mães, bons maridos e esposas, negando a vocação natural dos seres humanos, que era a reprodução, em troca de prazeres estéreis." (FILHO, 2000, p. 250).

Mas a impossibilidade de um casal homoafetivo gerar filhos biológicos, diferentemente do que alguns acreditam acontecer, já não os condenam à solidão.

Apesar da união entre duas pessoas do mesmo sexo ser considerada infértil, o modelo de família tem passado por alterações que beneficiam os homoafetivos. É nesse patamar, de entraves e abnegações, que Antonio de Pádua escreve o conto "Obs-ceno", objeto de estudo da análise que se segue.

4.1- Entre o negar-se e o aceitar-se: a solidão de quem é abandonado por si mesmo

O conto "Obs-ceno" - seis concentradas páginas - alcança ao leitor boa quantidade de informação. Logo nas primeiras linhas (SILVA, 2010a, p. 63), declarando o narrador suas memórias, somos "lançados" em meio a um torvelinho de questionamentos, reflexões, lembranças e anseios: o estranhamento com a realidade, a não identificação consigo, a incompreensão de seus desejos, todas essas preocupações surgem ainda na primeira lauda, de maneira rápida e amontoada, através de indagações que nos induzem a acreditar em uma falta de conhecimento do narrador para consigo: "Quando – pensava calado – até então havia tido consciência das coisas estranhas que sentia?". Nostálgico, ele declara a seguir que "jamais iria saber", e logo, ainda afirmando não encontrar explicação, lembra que, quando via o pai, "ficava todo pegajoso. Era algo meio nojento, porque as partes de baixo ficavam intumescidas, lubrificadas"; e só então percebemos que a aflição contida nas dúvidas de suas reflexões está pautada na atração sexual que ele sente pelo mesmo sexo. O desejo que sentiu no passado pela figura paterna vem a corroborar a teoria levantada por Freud (Cf.: 1973, p. 124) de que os nossos primeiros impulsos sexuais são voltados para nossos pais.

Ao problematizar as possíveis causas que o conduziram à homoafetividade, ele afirma que "o segredo das flores não são revelados, nem ao mais puro mortal", relacionando, desta maneira, as flores à homoafetividade, e atribuindo-lhe, assim, um caráter de natural. Essa relação se manifesta na narrativa de maneira implícita, mas as marcas textuais apresentadas não nos deixam dúvidas a respeito da visão essencialista do narrador, que ainda coloca que "quando menos se espera uma flor brota no chão, no meio das pedras, entre o lodo, na parede, até mesmo no chão do asfalto"; o que corrobora nossa interpretação, pois não diferente ocorre aos homoafetivos, que

"brotam", diariamente, nos mais variados espaços e classes sociais. (SILVA, 2010a, p. 63).

O ritmo acelerado dessas primeiras linhas prossegue (SILVA, 2010a, pp. 63-4). O leitor, apanhado por sua rapidez, não precisa esperar muito para descobrir a sensação de incompletude que domina o narrador. "E quando chovia, parecia que o mundo ia se acabar", ele lamenta, ao recordar do clima favorável para estar em casa, preferencialmente na companhia de alguém de seu afeto: "Era clima perfeito para os sabores da carne aparecerem com tamanha gula". Mas a solidão se faz presente, e sem transição, brusco, sem modalizar, anuncia o estado a que estava sujeito: "Vivia continuamente uma sangria desatada". O sangue é símbolo da parte emocional humana, seu derramamento representa a intensidade da vida afetiva, que por não ser vivenciada, acumula-se e esvai-se.

Apesar de sempre enfatizar uma incompreensão consigo, o narrador se contradiz (SILVA, 2010a, p. 64), pois demonstra bastante clareza a respeito das circunstâncias e dos meios que utilizou para não ser influenciado pelo o que ele chama de "projeções do mundo", o que estaria para os discursos dominantes que nos dizem a todo tempo como devemos ser. "Para me ler, precisei de aulas de natação e afogamento: era preciso mergulhar a água, bem fundo na alma", confessa, expondo que o processo de autoconhecimento o levou além de suas características superficiais, "era obrigatório o afogamento", a imersão em si mesmo, a análise de quem era, por meio de questionamentos ao presente e ao passado, que o conduziria para "dentro da lama" e traria para a consciência fatores ignorados, sobrepostos pelos ideais de vida que as instituições – políticas, religiosas, familiares – nos fazem acatar, muitas vezes, sem que percebamos.

A falta de uma consciência de identidade é ressaltada pelo narrador através da imagem do espelho: "Diante do espelho, deitado na larga cama do quarto fechado: olho-me. Lanço-me como estranho ao outro do espelho que se espelha em mim" (SILVA, 2010a, p. 64). O não reconhecimento da própria imagem é comumente metaforizado na literatura por meio da perplexidade frente ao espelho; instrumento que traz instantes de epifania aos sujeitos que, ao se observarem, costumam analisar as transformações sofridas no decorrer dos anos. No tocante à transitoriedade do tempo, o eu lírico de Retrato, poema escrito por Cecília Meireles, enuncia: "Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: — Em que espelho ficou perdida a minha

face?". Nos versos, o drama é o enfrentado quando se chega à velhice. Já o narrador de "Obs-ceno", traz-nos uma perspectiva diferente para o não reconhecimento do sujeito consigo ao fitar-se perante um espelho. Aí, o tema é o da negação da homoafetividade pelo próprio gay que, por sinal, é um sujeito do sexo masculino; o que ilustra a teoria proposta por Anthony Giddens (1992, pp. 140-1) a respeito da dificuldade que os homens têm de possuir uma consciência de identidade de gênero. Sérgio, ao olhar-se no espelho, não se reconhece, pois só vislumbra o reflexo da sua homoafetividade, imagem da aberração que aprendera a execrar desde a infância.

O narrador, sem perder o compasso entre questionamentos e lamentações, evidencia ter desenvolvido um estado constante de dependência afetiva. O desejo que outrora fora projetado no pai, agora era destinado a outras exterioridades, de modo que ele admite que "sempre estava à procura de" (SILVA, 2010a, p. 64). Mais uma vez a teoria sugerida por Freud (Cf.: 1973, p. 119) sobre a necessidade de se encontrar um "objeto sexual" que substitua a carência deixada pelos pais se confirma. Nesta passagem, também observamos que ao não determinar do quê ou de quem estava sempre à procura, o narrador expressa o quão objetual e desinteressada é a sua forma de estabelecer e se relacionar nos vínculos interpessoais.

"Aquela sensação de bem-estar molestava minha vida, pois concomitante a essa sensação, o mal estar sentido aparecia como vazio interno" (SILVA, 2010a, p. 64). O narrador afirma estar em um estado de incompletude, mesmo quando dispõe de artifícios, que julga fundamentais, para se tornar feliz. Ele confessa que o "bem estar" é insuficiente, porque o vazio causado pelo sentimento de solidão é insuperável, gera a ideia de que algo precisa ser preenchido, embora ele não saiba exatamente o quê. Pode parecer controverso, mas quanto mais ele deseja estar acompanhado, mais o sentimento de solidão se fortalece. A procura é árida e os meios utilizados de satisfazer o desejo não preenche a "falta"; cada tentativa fracassada aumenta o desamparo e o abandono, que ganham sentidos expressivos na narrativa.

Tais declarações são capazes de revelar o quanto o narrador está acometido pela solidão. Por se sentir sozinho, ele desenvolve uma carência canalizada a sua libido, que passa a agir em forma de uma constante tensão emocional, como atestara Freud (Cf.: 1973, p. 79). Os homens solitários tendem a se fechar e se isolar dos círculos sociais considerados saudáveis, o que aumenta a sensação de desamparo:

Já tinha experimentado dedos lá dentro, masturbar-me, sentar sobre frascos vazios de desodorantes rolom, inventar que chupava um cacete sem nada na boca. Nada feito. Nada disso tinha o mesmo sentido, os signos eram outros. Estava desmiotizando o lugar das coisas já estabelecidas. (SILVA, 2010a, p. 66).

Neste fragmento, percebemos como a busca pelo encontro de um novo objeto sexual pode chegar a se estender a seres inanimados, o que daria para o solitário a capacidade de viver bem, mesmo estando sozinho. Mas os artefatos escolhidos pelo narrador no intuito de acabar com sua sensação de vazio não são eficazes. Em uma atitude impulsiva, ele diz ligar para um ex-namorado, chamado Alan, e só então descobrimos o seu nome: "Alô! Digo. Oi! Sérgio, manda lá! Ele sempre dizia isso" (SILVA, 2010a, p. 67). O texto nos revela que em poucos instantes os dois estavam juntos, sexualmente envolvidos.

O encontro sexual é narrado com a mesma objetividade que caracteriza o conto. Essa objetividade, reflexo do protagonista, que não põe obstáculos em sua ávida busca pelo prazer, é expressa por meio de um recurso de estilo curioso: a marcação do tempo, que sempre que aparece está relacionada ao ato sexual ou a derivados dele: "Tínhamos namorado por oito meses", revela Sérgio ao mencionar Alan, e logo após confirmar o encontro com ele, admite estar "exausto da espera por um cacete na boca". Para sua sorte, Alan "não demorou quase nada", e assim que chegou, despiu o solitário "cansado de esperar" pela realização de seus desejos íntimos. "Não havia tido tempo de me banhar para ele, uma vez que veio rápido", diz Sérgio, que em seguida declara que Alan "apressadamente se despiu". "Quando menos esperava, ele estava em pé, ouriçado, com a cabeça do pau toda molhada, mirando o meio traseiro de minhas pernas", relata. (SILVA, 2010a, pp. 66-7-8).

Essa marcação temporal é realizada com naturalidade pelo narrador, mas sua importância é clara, em vários aspectos. Primeiro, porque confere exatidão e veracidade aos fatos narrados, dando-lhes precisão e assegurando o leitor em uma linha de tempo coerente. Segundo, porque o objetivo principal do protagonista é o encontro de um parceiro para a efetivação do sexo — e essa busca passa a ser marcada quase que cronometricamente, como se cada segundo perdido representasse o agravamento de um grande dano. Assim, toda a segunda parte do conto é permeada por estas marcações, que vão culminar na última cena, em que a cópula finalmente se concretiza.

Gostaríamos de assinalar pontos importantes e elementares da técnica narrativa utilizada por Antonio de Pádua nesse texto. O que ressalta primeiro, naturalmente, é a

maneira fragmentada de tratar os temas relacionados ao assunto homoafetividade. Essa descontinuidade temática, ora questionando o surgimento do homoafetivo, ora se concentrando em fantasias sexuais com outra pessoa do mesmo sexo, confere para o leitor a sensação de ter penetrado na mente do próprio narrador, sendo conduzido a suas mudanças abruptas e repentinas de conceitos e imagens. Nas primeiras quatro páginas do conto, não há um caminho a ser seguido, somos expostos a um turbilhão de emoções e informações, que não nos oferecem um referencial lógico do projeto a ser cumprido pela narrativa. Os devaneios de Sérgio predominam esta primeira parte e, numa penada, são postos de lado assim que terminam de ser "despejados": a ligação para o exnamorado, Alan, é o interlúdio para uma nova proposta de narrativa, em que o tempo psicológico é afastado com segurança pelo narrador, que finalmente demonstra saber o que deseja ao tomar domínio da cronologia dos fatos narrados.

Devaneios – é o que ressuma das quatro primeiras páginas. O leitor "dança" entre nomes, referências e digressões de um personagem que surge não se sabe de onde. Que faixa de idade ele tem? Onde ele está no momento da enunciação? A atração física que ele sentiu pelo pai foi agora ou há muitos anos? Que personagem é esse que surge aos pedaços, revelando um desejo, explanando sobre uma convicção, confessando um fragmento de sua intimidade? E, por fim, quem é esse narrador que nos fala e parece inconformado com a solidão que o cerca?

O leitor foi – de chofre – empurrado para dentro de um mundo que desconhece. Não há, na entrada de "Obs-ceno", nem uma palavra que sirva para localizá-lo, nenhum painel descritivo que nos permita conhecer de antemão a narrativa que vamos agora testemunhar. Somos lançados diretamente em um tempo psicológico, no meio dos pensamentos de um "ser estranho". Apenas uma voz narrativa, falando em primeira pessoa, o dirige. Aquilo que de mais forte nos fica das páginas iniciais é a impressão da sua figura. Sem nos dizer nada explicitamente sobre quem é, de onde veio, e o que faz da vida, fornece-nos, no entanto, sua "paisagem interior": um homem solitário, homoafetivo, carente, submisso, que deseja relacionar-se sexualmente, trata de executar sua vontade, e utiliza um ex-namorado como meio de alcançar seu objetivo.

Sérgio surge quase inteiro no primeiro momento do conto. Na segunda parte é que vamos descobrir o seu nome, perceber que ele está em casa e analisar o tipo de relação que ele estabelece com Alan. Nessa parte também compreendemos que ele é independente e já chegou a morar com o ex-namorado: "Não demorou quase nada,

batia à porta do apartamento que tinha alugado desde que nos separamos" (SILVA, 2010a, p. 67). E observamos, no campo da ação, Sérgio concretizar as fantasias sexuais que estruturou desde a primeira parte do texto.

A princípio o narrador autodiegético é apenas alguém que não retemos, que surge confusamente diante de nós. Mas desde esse instante – e embora nem dele saibamos o nome – o "eu" que narra se imprime em nossa memória, dando impressões sem parar, emitindo opiniões sobre ele mesmo e outros, lamentando estar sozinho e desejando relacionar-se sexualmente. Assim, esse narrador se sobressai e ganha forma. É impulsivo: atitudes e pensamentos constroem-se de maneira impetuosa, inconsequente, brusca. Na segunda parte do conto, nós o vemos de novo agindo sem parar, telefonando para o ex-namorado e convencendo-o a marcar um encontro naquele mesmo instante. Fomos introduzidos em seu universo – um universo que, em última análise, se reduz às suas necessidades, às suas motivações, à sua maneira de enfrentar a solidão e de tentar vencê-la.

Totalmente imbricados surgem, à nossa frente, narrador, personagem e ação. Sérgio nasce de cada ato, de cada declaração, de cada impulso, mas cada um deles nasce por sua vez do próprio Sérgio. Esta dinamicidade, esta relação íntima entre o homem e o ato (refletida pela linguagem impetuosa, erótica, brusca, frenética, ritmada), esta recíproca entre essência e realidade vão compor a construção do conto, que ao ser finalizado, revela ao leitor que perseguiu com fluidez em direção a um objetivo.

A falta de um parceiro sexual/amoroso, o alheamento a sua realidade, as dúvidas sobre a configuração de sua sexualidade, todos esses entraves vão sendo enfrentados pelo protagonista no decorrer do conto. V. Propp (apud LAFETÁ, 1983, p. 195) demonstrou que os contos "se constituem sempre em torno de um núcleo simples: o herói sofre um dano ou tem uma carência, e as tentativas de recuperação do dano ou de superação da carência constituem o corpo da narrativa". Considerando a estrutura de "Obs-ceno" constatamos a elaboração desse modelo. Há a necessidade de se arranjar um amante, há as dificuldades que surgem no meio desta busca e há sua superação pelo mérito do protagonista. Nesse sentido, tudo no texto se organiza em torno de um propósito, expresso nestas palavras pelo narrador: "Ali, o ânus só pedia. Não: implorava. Desejava carne: apenas dura. Tinha que fazer alguma coisa" (SILVA, 2010a, p. 66).

Ao ser medida pela carência da libido, a solidão humana tende progressivamente a fechar-se à compreensão dos elementos virtuosos e sensíveis da realidade. As relações interpessoais transformam-se em um "negócio" e as pessoas, ao se estipularem valores de troca, personificam-se em "mercadorias". Nesse sistema de barganha afetivo-sexual, que nos remete ao extinto sistema de escambo, não há espaço para aprofundamento e/ou amadurecimento emocional: os códigos vinculares se resumem apenas a relações superficiais, por intermédio de uma ligação em que possuidor se confunde com possuído.

Tal é a relação estabelecida entre Sérgio e o mundo. Seu desenvolvido sentimento de solidão leva-o a considerar todos que o cercam como "objetos" que podem ser manipulados para saciar suas carências e vontades. Mas ele não está sozinho nesse sistema comportamental: Alan partilha do mesmo posicionamento, e o trata como mero artifício para alcançar o prazer. Não existe diálogo na narrativa que revele outro interesse entre o casal que não seja o sexo efêmero. Nesse tipo de "comercialização", a perda de tempo, como em uma empresa, é tratada como prejuízo. As parcerias de afeto e os acordos sexuais são negociados, mas a sensação de completude só dura o momento fortuito do encontro: uma vez "usufruído" do "objeto", o estado de solidão volta, quase que imediatamente, a se instalar no sujeito:

Depositava em mim uma porção suficiente de esperma que daria para providenciar vários embriões. Mas o meu útero é seco. Minhas entranhas são macho. Não há mandrágora que tenha poder sobre esse destino. O leite: coalha. Terra: infecunda, embora destemida para o prazer. E basta. (SILVA, 2010a, p. 68).

Alan é considerado pelo narrador-personagem apenas do ponto de vista do prazer sexual que ele pode oferecer. Nesse sentido, a reação que esperamos de Sérgio, logo após a realização de seu desejo tão amplamente declarado, é a de satisfação, euforia, entusiasmo intenso. Mas sua reação, para frustração de nossas expectativas é, mais uma vez, a lamentação: "Meu útero é seco. Minhas entranhas são macho". Essa declaração, no contexto em que foi utilizada, reitera a ideia que defendemos nesse estudo: a solidão, para o homoafetivo, está muito mais atrelada à condição de "renegado aos direitos biológico-político-sociais", que a falta de interação com outros sujeitos. Sérgio, no instante do tão venerado orgasmo, percebe que este não lhe confere plenitude: o seu vazio interno, ao contrário do que ele imaginava, não existe pela falta do outro de seu afeto, mas pela condição psicossocial em que o homoafetivo está inserido.

"Não há mandrágora que tenha poder sobre este destino", lastima-se Sérgio, ao refletir sobre a infecundidade proveniente do envolvimento entre dois homens. Segundo Lexicon (Cf.: 1990, p. 133), a mandrágora é uma planta que, de acordo com as crenças populares, nasce do esperma de um enforcado. Nas crendices medievais, atribuíram-lhe a capacidade de trazer sorte e fecundidade. Nesse viés, compreendemos um poderoso sentido deixado pelo narrador nessa passagem do texto: o enforcado gera a vida (a mandrágora), sem a necessidade de uma mulher; o mesmo está para o desejo do homoafetivo representado no conto, que se queixa por não poder gerar filhos. Ele se demonstra desacreditado, sem nem mesmo confiar nos "poderes mágicos" de fecundidade que a referida planta poderia lhe oferecer.

Sérgio desconsidera que o modelo de família tem passado por alterações que beneficiam os homoafetivos. Em tempos de alta tecnologia, da globalização revolucionária e da ascensão dos movimentos minoritários, a biologia já não é suficiente para ditar como deve ser a estruturação de uma família. E a homoparentalidade, termo que tem sido utilizado para nomear o exercício da paternidade por gays, ganha forma. Seja por intermédio da adoção ou da inseminação artificial, os homoafetivos da atualidade estão buscando métodos de burlarem as tiranias heterodoxas que os proibiam de constituir família. Sérgio, porém, é um personagem resistente: ele deseja um filho biológico, certamente não aceitaria a possibilidade da adoção, proporcionada por essas novas constituições familiares. Ao não se conformar com as limitações que a condição de ser um sujeito homoafetivo lhe impõe, ele tende a se aprofundar cada vez mais na solidão, pois recusa as alternativas que lhe são oferecidas em nome de sua adaptação social, que, como já vimos, nem sempre é positiva.

Compreendemos então o que Sérgio representa e compreendemos a estrutura da narrativa, escrita em um único parágrafo, para ser lida em um único fôlego, refletindo a impulsividade e a preocupação com o tempo exposta pelo narrador. O conto só encerra quando a busca pelo objeto sexual é finalizada. O sexo acabou, o conto também acaba. O que é altamente coerente ao título da narrativa. De acordo com Lawrence (Cf.: 2007, p. 08) a palavra *obsceno*, etimologicamente, significa fora (*obs*) de cena (*ceno*), ou seja, aquilo que não pode ser representado no cenário, que deve estar oculto, escondido, inacessível aos olhos e julgamentos alheios. A pesquisadora ainda afirma que os gregos e romanos consideravam obsceno a nudez, os crimes e os assassinatos. Como já colocamos ao longo desse estudo, a homoafetividade ainda é considerada "obscena" por

muitos sujeitos e instituições, e por isso tantos gays são isolados ou sentem a necessidade de isolamento.

No conto, a proposta do narrador é o inverso do que a etimologia do termo título da narrativa propõe: ao invés de omitir, ele "traz a cena" – ao centro do texto – as principais discussões, práticas e desejos homoafetivos, tão silenciados pela hegemonia heterossexual. Uma vez exposta toda a "obscenidade" do *ser homoafetivo* – seja por meio de seus dramas psicológicos ou de suas condutas sexuais, a narrativa é finalizada, "sai de cena". Isto explica o emaranhado de devaneios em que, desde o começo, fomos apanhados. O que esclarece a coesão do texto, que une indissoluvelmente personagem e ação. Pois Sérgio, representante do gay que não se reconhece nos grupos sociais do meio em que habita, é o emblema complexo e contraditório da sociedade que estimula a exibição da intimidade, mas condena a visibilidade dos sujeitos que se assumem homoafetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois contos analisados, identificamos duas perspectivas da temática "solidão". Em O "Segredo", a solidão dos personagens dá-se principalmente pela repressão internalizada por eles. Ao assumir o discurso heterodoxo da igreja, o casal, apesar do interesse mútuo, ativa os mecanismos de defesa para a não consumação da relação homoafetiva, o que os leva ao isolamento. O espaço da igreja passa a funcionar, metaforicamente, como uma espécie de prisão para os padres homoafetivos representados. É nesse tipo de cárcere que eles desenvolvem também uma prisão interna, porque estão impossibilitados de darem vazão aos próprios desejos por medo de serem condenados. Esses personagens não percebem que, ao difundir as normas ditadas pela sociedade patriarcal, estão sustentando as bases da heteronormatividade que segrega e penaliza os sujeitos homoafetivos. Na ilusão de não serem punidos por serem gays, eles promovem, ao recalcarem sua sexualidade, uma autopunição. E a solidão se torna, nesse sentido, em um dos maiores castigos consequentes aos que não tiveram coragem de assumir seus anseios mais íntimos e individuais.

Em outra perspectiva, o conto "Obs-ceno" nos traz um personagem que vivencia a homoafetividade de maneira intensa, sem interesse em seguir o discurso heteronormativo. Paradoxalmente, apesar desse sujeito representado não apresentar sinais de repressão à sua sexualidade e vivenciá-la de maneira ativa, a solidão se faz presente da mesma forma que nos personagens de "O Segredo". Em "Obs-ceno", o espaço representado como cativeiro para o homoafetivo é a sua própria casa. O protagonista não sai de sua residência em nenhum momento, e relata seus devaneios enquanto "interage" com os objetos dos cômodos por que passa, dando-nos a sensação de claustrofobia. Nem mesmo quando realiza o ato sexual, o personagem se retira do ambiente que, na narrativa, simboliza uma espécie de solitária. Ele convida o exnamorado para ir até sua casa; sair dela seria romper a dependência a que está preso.

Dependência aos padrões heterossexuais, aos preceitos religiosos, aos aparelhos institucionais, ao julgamento dos familiares, amigos e inclusive dos desconhecidos, que impõem um modelo de conduta e transforma "aquele-que-não-pode-se-mostrar" em solitário. Independente de o sujeito gay optar por vivenciar sua sexualidade de maneira ativa ou reprimi-la, os "fantasmas" criados pela cultura dominante continuarão a persegui-lo. Tais percepções nos levam a acreditar que existem fatores psicosociais que

direcionam o homoafetivo ao estado de solidão, diferentemente de outros fatores que condicionam o heterossexual, aceito e desejado pela sociedade, ao mesmo estado.

Percebemos nos dois contos em estudo, que o ser solitário não aparece como uma escolha das personagens, e que a maior dor da solidão do homoafetivo é ter que se deparar consigo; é perceber-se como um indesejado e que, acima de tudo, tem de fazer sozinho a difícil escolha entre sua exposição ou ocultamento. Esses personagens criados por Antonio de Pádua tentam camuflar a realidade em que vivem em um ato desesperado de não sucumbir a ela. Seja exercendo o papel sacerdotal ou buscando constantemente a interação sexual com o outro, esses sujeitos representados nos revelam o medo que sentem de parar e enfrentar a concretude da situação em que se encontram.

Mesmo sendo um dos referenciais nas pesquisas de Gênero e Sexualidades do Brasil, com críticas severas ao império falocêntrico e heteronormativo, Antonio de Pádua, em seus textos ficcionais, não posiciona suas personagens em atitudes abertamente políticas. Nas narrativas deste autor, pudemos observar que a transgressão por parte dos personagens não ocorre por meio de manifestações públicas ou reinvindicação de direitos, mas pela consumação do sexo homoafetivo, mesmo quando uma intensa repressão psicológica os tenta coibir. Percebemos, também, que os gays pintados em seus textos não são caricaturais nem ocupam lugares menores. Pelo contrário, estão inseridos em um dos mais altos escalões do poder, como observamos os clérigos de "O Segredo".

Mediante o exposto, podemos entender que as construções idealizadas de "ética", "moral" e "felicidade", alicerçadas nos discursos judaico-cristãos e heteronormativos, vão interferir no modo como o homoafetivo se relaciona consigo e com o mundo, levando-o, muitas vezes, ao isolamento. Antonio de Pádua, em *Abjetos: Desejos*, desconstrói a ideia calcificada de que a condição de ser homoafetivo é determinante para a solidão, ao revelar que a forma como a sociedade interpreta esta parcela de humanos é que desperta modelos comportamentais baseados na segregação e no isolamento. "E o que mostram é que a inevitabilidade da exclusão – e a luta para não ser excluído – é aquilo no qual a realidade se resume" (BAUMAN, 2008, p. 29).

Os gays representados na ficção do escritor Antonio de Pádua vivem a angústia de se encontrarem e serem felizes. As personagens vivenciam um duplo dilema: o de resistir à norma e o de identificar-se com os excluídos, que lhes oferece a possibilidade de fazê-los agir conforme suas subjetividades. O fato de se perceber que a felicidade

tem uma dimensão coletiva irredutível não deve servir de álibi para as costumeiras desconsiderações às individualidades. O desafio maior continua sendo o de se chegar a formas de interação que expressem a força comunitária do agir humano sem deixar de estimular ao máximo a manifestação das singularidades individuais. (Cf.: OLIVA, 2000, p. 27).

Os personagens criados por Antonio de Pádua expõem, denunciam e aprofundam temas relacionados à homoafetividade, como sonho, medo, culpa, erotismo e solidão, conferindo a sua Obra uma preocupação com os entraves sociais. Os contos "O Segredo" e "Obs-ceno" nos trazem a consciência de como o homoafetivo tem se desdobrado para não ser punido por um crime que não cometeu. A política heteronormativa, na tentativa de se manter soberana, conduz os gays ao estado de solidão, seja por meio do preconceito que reprime a sexualidade homoafetiva ou da negação de direitos, dos quais podem desfrutar apenas os que levam uma vida aparentemente heterossexual. Ficar sozinho, morrer sem filhos, não contar com o apoio da sociedade nem de familiares; com tantas ameaças de serem condenados à solidão, não é difícil compreender o porquê de muitos homoafetivos, assim como Afonso, Sebastião e Sérgio, internalizarem o discurso heteronormativo e, ao se olharem no espelho, verem-se como aquilo que jamais desejariam ser.

Escrever é uma das mais solitárias profissões!

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Caio Fernando. Morangos Mofados. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ABREU, Márcia. Cultura Letrada. São Paulo: UNESP, 2004.

AMBROSE, Tom. **Heróis e exílios** – ícones gays através dos tempos. Belo Horizonte: Gutemberg, 2010.

ANDRADE, Rosevan Marcolino de. De volta à Grécia Antiga: A beleza masculina em António Botto. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). **Literatura contemporânea e homoafetividade.** João Pessoa: Realize Editora, 2011.

ARISTÓTELES. Arte poética. São Paulo: Martin Claret, 2006a.

ARISTÓTELES. Política. São Paulo: Martin Claret, 2006b.

BAUMAN, Zigmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAMINHA, Adolfo. O bom crioulo. São Paulo; Martin Claret, 2008.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CAPUCHO, Luís. Cinema Orly. São Paulo: Interlúdio, 1999.

CARRASCO, Walcyr. Meus dois pais. São Paulo: Ática, 2010.

CARROL, LEWIS. Alice no país das maravilhas. São Paulo: Martin Claret, 2008.

CARVALHO, Nelson Luiz de. Apartamento 41. São Paulo: GLS, 2007.

CARVALHO, Nelson Luiz de. O terceiro travesseiro. São Paulo: Arx, 2005.

CELASTINO, Samuel. Jean Willys participa de parada gay na Bahia. **Bahia Notícias**, 1° de Setembro de 2011. Disponível em: http://www.bahianoticias.com.br/principal/noticia/101711-jean-wyllys-participa-daparada-gay-da-bahia.html. Acessado em 04 de Setembro de 2011.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COLEY, Danton. In: URBIM, Emiliano. Solidão impossível. **Super Interessante**, maio de 2009. Disponível em: http://super.abril.com.br/cotidiano/solidao-impossivel-619327.shtml. Acesso em 25 de maio de 2011.

COSSON, Rildo. Letramento literário. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Jhonatan Leal da. A solidão homoafetiva e suas conflituosas relações a partir do livro "Eis o mistério da fé", de Antonio de Pádua Dias da Silva. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). **Literatura contemporânea e homoafetividade**. João Pessoa: Realize Editora, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício:** estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Durnará, 1992.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária** – uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

DORNELAS, Kirlla Cristhine Almeida. A solidão feminina e suas delicadas relações a partir dos romances de Clarice Lispector. **Linguagens – Revista de letras, arte e comunicação**. Blumenau, v.1, n. 3, p. 260-276, set/dez. 2007.

DUNBAR, Robin *apud* COSTA, Camilla. O que nos tornou amigos. **Revista Super Interessante**. São Paulo, ed. 288, fevereiro de 2011.

ECO, Umberto. Cinco escritos morais. Rio de Janeiro: Record, 1998.

EL-JAICK, Márcio. Matéria Básica. São Paulo: GLS, 2007.

EZEQUIEL: In: **Bíblia Sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1997.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Configurações do espaço na literatura de expressão gay: marcas de um gênero literário. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

FILHO, Amilcar Torrão. **Trílades Galantes, Fanchonos Militantes** – homossexuais que fizeram história. São Paulo: GLS, 2000.

FRIDMAN, L. C. Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas. In: DORNELAS, Kirlla Cristhine Almeida. A solidão feminina e suas delicadas relações a partir dos romances de Clarice Lispector. **Linguagens – Revista de letras, arte e comunicação.** Blumenau, v.1, n. 3, p. 260-276, set/dez. 2007.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1973.

GÊNESE: In: **Bíblia Sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1997.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade** – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1992.

GIKOVATE, Flávio. In: DINIZ, Tatiana. Solidão também gera aversão em alguns. **Folha de São Paulo**, São Paulo, em 08 de Dezembro de 2005. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u4053.shtml. Acesso em 21 de Agosto de 2011.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEE, Carlos. Trem fantasma. São Paulo: Mandarim, 2002.

HINDE, R. A. **Relationships: A dialectical perspective**. Hove, UK: Psychology Press, 1997.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JANELA INDISCRETA. Alfred Hitchcock, 1954. Paramount Pictures, 112 min, son. color.

LAFETÁ, Luiz João. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LAURIANO, Carolina. Censo 2010 contabiliza mais de 60 mil casais homossexuais. **G1**, 29 de Abril de 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/censo-2010-contabiliza-mais-de-60-mil-casais-homossexuais.html. Acessado em 02 de Setembro de 2011.

LAWRENCE, D. H. In: BORGES, Luciana. A vida no vão da escada: o conhecimento proibido em "A obscena senhora", de Hilda Hilst. **Seminário mulher e literatura.** Bahia: UESZ, 2007.

LEITE, Márcia. Olívia tem dois papais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEXICON, Herder. Dicionário dos Símbolos. São Paulo: Cultrix, 1990.

LIMA, Carlos. Políticos evangélicos avançam contra união homossexual. **O Galileo**, 13 de Maio de 2010. Disponível em: http://www.ogalileo.com.br/noticias/nacional/politicos-evangelicos-avancam-contra-uniao-homossexual. Acessado no dia 07 de Setembro de 2011.

LUGARINHO, Mauro César. Nasce a literatura gay no Brasil. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

MOREIRA, José Carlos. **Geografia para o ensino médio:** geografia geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2002.

MOTT, Luiz. Com 43% dos homicídios, o Nordeste é a região mais homofóbica do país. **Jornal Extra**, Pernambuco, 05 de Abril de 2011. Disponível em:

http://www.jornalextra.com.br/portal/blog/2011/04/05/com-43-dos-homicidios-o-nordeste-e-a-regiao-mais-homofobica-do-pais-aponta-pesquisa/. Acessado em 02 de Setembro de 2011.

NETO, Amador Ribeiro. Contos homoeróticos de um estreante. **Cronópios**, 24 de Junho de 2007. Disponível em: http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=2528. Acessado em 28 de Agosto de 2011.

NÓBREGA, Elisa Maria de Medeiros; NÓBREGA, Geralda Medeiros; TRINDADE, Karlla Danielle Cantalice da. A invenção histórica da literatura gls [e de seus leitores]. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.

OLIVA, Alberto. A solidão da cidadania. São Paulo: SENAC, 2000.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão** e post scriptum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINTO, Kyssia Rafaela Almeida. Aspectos da personagem gay na literatura para crianças. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

POLES, Cristina. Sem elas, eles adoecem mais e vivem menos: A constatação agora é científica: por trás de um homem saudável, há sempre uma mulher zelosa. Os solitários tendem a descuidar da própria saúde. **Revista Veja**, Rio de Janeiro, ed. 1664, nº 35, pp. 128-9, Agosto, 2000.

PROULX, Anne. **O segredo de Brokeback Mountain**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

RANZATTI, André. Amores no masculino. São Paulo: RDG, 2006.

RIBEIRO, Gorette Maria. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres** representadas na literatura de autoria feminina – vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: Eduepb, 2010.

RODRIGUES, Nelson. O beijo no asfalto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

RODRIGUES, Nelson. Toda nudez será castigada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RUFFATO, Luiz (org). Entre nós. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Abjetos: desejos. Olinda: Livro Rápido, 2010a.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Eis o mistério da fé. Olinda: Livro Rápido, 2009.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay. **Revista Sociopoética**. Campina Grande, v. 1, n. 5, p. 55-72, jan/jul, 2010b.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre rapazes e homens**. Campina Grande: EDUEPB, 2006.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

SPIVAK, Gayatri. **Tendências e impasses** – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TELES, Inaê. Professor de escola particular é encontrado morto em pousada de CG. **Jornal da Paraíba**, Campina Grande, 10 de Julho de 2011. Disponível em: http://jornaldaparaiba.com.br/noticia/62814_professor-de-escola-particular-e-encontrado-morto-em-pousada-de-cg. Acesso em 23 de Setembro de 2011.

TELES, Inaê. Homossexual agredido fala sobre assaninato na praia do jacaré. **Jornal da Paraíba**, Campina Grande, 10 de Agosto de 2011. Disponóvel em: http://jornaldaparaiba.com.br/noticia/64119_homossexual-agredido-fala-sobre-assassinato-na-praia-do-jacare. Acesso em 23 de Setembro de 2011.

TIBURI, Márcia. Política e solidão. **Revista Cult**, 02 de Setembro de 2010. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2011/09/politica-da-solidao/. Acessado em: 03 de Setembro de 2011.

TOMÉ, Ricardo. Cão danado solto na noite. São Paulo: Razão Cultural, 1999.

VALLIANT, George. In: COSTA, Camilla. A coisa mais importante da vida. **Revista Super Interessante**. São Paulo, ed. 288, fevereiro de 2011.

VASCONCELOS, Marcos. Travesti é assassinado após discussão no centro de Campina Grande. **Jornal da Paraíba**, Campina Grande, 15 de Abril de 2011. Disponível em: http://jornaldaparaiba.com.br/noticia/58922_travesti-e-assassinado-apos-discussao-no-centro-de-campina-grande. Acesso em 23 de Setembro de 2011.

VINCENTINO, Cláudio. **História para o ensino médio** – história geral do Brasil. São Paulo; Scipione, 2002.

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ANEXOS

CONTO 1

O SEGREDO

Antonio de Pádua Dias da Silva

O céu nublado e a igreja naquele morro. Aos pés de um despenhadeiro, não se sabe por qual motivo. O pátio do prédio, grama lima e baixa. Um vento sem força, porém frio, tornava as folhas da natureza com mais peso e mais verde. A igreja, sem pintura viva, fresca: viva na sua velhice mórbida. O telhado ali deixado como aos mortos no cemitério. De lá, lá do alto, a visão era outra: via-se o mar infinito que se jogava ao mesmo tempo em que fugia daquelas terras. Batia naquela encosta e recuava imediatamente: não queria se prender onde não havia valor. As duas pequenas torres da igreja pareciam um sinal da anunciação. O forte badalar de seus sinos dava a impressão de que atravessaria o oceano, não fossem a distância, o fuso-horário e as geodésias. No chão do prédio, bem à sua frente, como já havia dito, uma grama perfeitamente aparada, verde, pesada. Não contrastava com a coloração daquela paisagem: tudo ali pesava toneladas de cores fortes e apagadas e estava em estado de antiguidade. Ao redor da igreja, em ambos os lados, árvores sem frutos, apenas num tom pastel decadente. Ainda não soube definir a estação, pelo que ainda vejo e descrevo. O céu nublado e a igreja naquele horto. Aos pés de um espinheiro que está ali não se sabe por qual capricho. Nos fundos do prédio: uma pequena horta cultivada talvez por umas duas pessoas. Tudo muito bem cuidado, muito limpo. O frio tornava a paisagem mais limpa, paradoxalmente mais linda. Para umas das entradas da porta de acesso à igreja, alguém se dirigia num passo meio estranho. Não ia com pressa, mas também não tinha todo o tempo e paciência do mundo. Olhava nervosamente para os lados, conferia o caminho de trás como que a duvidar de sua única presença naquela caminhada. Coberta, toda coberta por um balandrau com imensa capa que não revelava o rosto que ali se escondia. O andar era de homem: firme nos passos, veloz na medida dos homens, seguro no pisar o chão como os dessa raca costumam ser. Uma das portas está entreaberta. Numa pequena fresta escura deixa-se perceber que lá dentro não será encontrada viv'alma. Do alto, percebe-se o mexer dos dedos que estavam laçando um rosário. Boca trêmula, lábios finos: isso agora podia ser visto. Rezava baixinho com um ar de muito nervosismo. A prece parecia mais para acalmar os nervos do que para agradecer ou pedir algo ao eterno. Quando se aproximou da porta para a qual se dirigia, percebe um pedaço de papel branco que lhe é entregue como a barrar-lhe a entrada. Mesmo ao longe, apenas dessa visão do alto, lê-se o que ali fora escrito. Não é nenhum segredo, apenas uma inscrição em latim retirada de algum lugar: aprendi a me virar sozinho e se ainda te dou linha é pra depois te abandonar. O rosto contorceu-se mais ainda. O corpo ficou inerte, paralisado. As mãos seguraram o rosário que fora abandonado pelos dedos. O papel parecia fazer força naquelas trêmulas mãos. Quis dizer algo, não conseguiu. Quis levantar o cenho, resolveu não mirar quem ali estivesse: poupava-se de uma visada incompreendida. Nervosamente fitou o chão, lugar para onde sempre olhava nos seus princípios, um ato irreverente. Por mais inconformado que estivesse ou fosse, não merecia a misericórdia divina, o olhar para o alto. Outra vez leu o pedaço de papel, quis levantá-lo aos lábios num tom choroso. Sentiu uma despedida sem palavras e viu a porta fechar-se diante de si. Quem ficou do lado de dentro não teve a misericórdia de que o visitante precisava. Os passos pesados e rápidos eram uma demonstração do pouco interesse por aquela situação. Da mesma forma que chegara, o estranho quis sair. Deu meia volta, cabisbaixo, saiu na mesma direção em que veio. Dessa vez retardou o passo, talvez porque magoado ou enraivecido. No meio do pátio da igreja, quase que no raio de um círculo, o manto escuro que o cobria dava-lhe a impressão de que se tratava de uma alma perdida, um agente do mal, uma assombração ou algo parecido. O mar que se via à frente não estava calmo. As ondas, ao longe, pareciam ser amaciadas no contato com o enorme paredão que tinha se formado há milhares de anos naquele local. A aparência do corpo muito parecida com as ondas depositadas naquela encosta: quebrada. Insólito naquele círculo, no centro, e uma circunferência deixava o castigo descer-lhe como a mais alta ou grave punição. Deu uns passos em direção ao caminho de volta. Deu uns passos em direção ao caminho de volta. Hesitou um pouco, quis retornar. Teve vontade de chorar, de gritar. O corpo deve estar falando baixinho aquilo que se não entende, o inefável. Deve ser alguma língua estranha, a língua dos anjos. A visão mais do alto, o corpo bem minúsculo. Tateou outros passos, mas a angústia não o deixava prosseguir. Tinha dor demais na alma para sair dali sem o que fora buscar, dizer, ouvir. Se pudesse ver de cima, saberia que lá no bosque, a um quilômetro do prédio, alguém derrubava madeira para aproveitar toda a lenha como combustível. Saberia que uma força daquele lugar ainda entraria e poderia ser um auxílio. Mas as lágrimas embaçavam-lhe a visão, fosse do que se visse, fosse do que se pensasse. Invadiu-lhe um medo de estar só, uma fraqueza por se censurar, uma vontade de fugir e correr para bem perto da cruz. Ali mesmo ajoelhou-se, fez o pelo sinal, ergueu os braços em sinal de recebimento de bênção solicitada e esperou o nervosismo passar. Quando se descia daquele alto e se aproximava daquele corpo sofrendo, sabia-se que se tratava de coisa séria. Aquilo não era choro simplesmente de mágoa ou de ódio. Havia mais por trás daquele habito. O uniforme pesado, quase secular, talvez quisesse dizer de certas atividades que daquele corpo se podia adivinhar. A aparência sofrida só falava uma língua: sofreramar. As marcas doídas na face; castigo. O retilíneo da coluna: a presunção das coisas, a falsa certeza da salvação para os que o vissem. Olhou para a porta da igreja: fechada, pesada. Escura. Os sinos batiam àquelas horas. Sinal de sinal de sinal. O fino badalar penetrava seus sentidos como gosto de aventura. Aprendi a me virar sozinho. Lembrava do latim que acabara de ler. Seu chão, sua terra, seus pés: longe daquele lugar. Mas não impedido de guia-lo até a porta onde antes havia batido. Depois do barulho dos sinos, lá de dentro vinha um belo som que se harmonizava com aquele ambiente. Pater noster qvi es in caelis, sanctificetvr nomem tvvm. Depois se ouvia como um couro feminino (mas era uma voz, apenas uma voz): ave maria gratia plena. E um concerto para uma só voz ouvia-se e canto gregoriano: era a ave maria. Não eram seis horas, o sol ainda estava alto. Não era mês de maio nem ensaio de novena. Não era nenhuma senhora que tivera seu filho morto e ali se refugiava para confessar-se a deus. Recuou para o local de onde havia começado a falhar. Diante da porta fechada, bateu várias vezes, sem muito alarde, em busca do silêncio que queria ouvir. Ninguém, talvez, pudesse ouvi-lo em meio àquele canto gregoriano. A boca se movimenta, a língua cria coragem, formam-se palavras no interior da boca e investe no chamado. Bate. Bate. Chama: Afonso! Afonso! Nada de resposta. Torna a chamar, agora mais alto, na certeza de que poderá ser ouvido. Cria mais coragem e bate com vontade, agora já forçando a porta, tentando abri-la à revelia do desejo de quem estava dentro. Olha em volta e se vê sozinho aquele mundo em que as companhias não existiam, em que as pessoas tinham que aprender a viver sozinhas e contando apenas com a promessa da presença divina. Sancta maria Dei, Ora pro nobis pecatoribus. Nunc et in hora mortis nostrae. Levantou um pouco a manga do hábito. Limpou a testa, secou as lágrimas. Os olhos que se mostraram por um instante estavam amolecidos. As olheiras, a profundidade do sofrimento não era fingimento. Aquilo era uma prova da derrota de um ser. Sem muita certeza do que poderia acontecer, ajoelhou-se no degrau daquela porta, único degrau ali construído. Encostou a cabeça no imenso pedaço de madeira de que era feita aquela porta. Sentiu o cheiro de estranho, o cheiro que um dia conheceu. A saudade veio-lhe abrindo as entranhas como quem morre e só morre. Chorou copiosamente. É isso: desatou num choro convulsivo. As unhas tentavam como as de felino se agarrar às fendas que naquela madeira apareciam. Tentativa vã. Apequenou-se naquele traje, encolheu-se em sua dor, recebeu a morte naquele instante. Nada de força para correr, para sair daquele lugar. Nada de mais lágrima a ser derramada: a fonte havia secado. Olhou para o papel já amassado e, no que leu é pra depois te abandonar, caiu deitando-se no chão, perdendo as forças, fraco de assunto. Nem recuar podia: teria que morrer ali, sem nem ao menos merecer um enterro digno. Provavelmente seria lançado ao mar e seu corpo não encontraria guarida no céu. Podia ser que nem perdão alcançasse a ponto de pelo menos almejar o purgatório. Da forma como caiu, deitou-se e amaciou a dor com o sono sentido. Enquanto desmaiava em vermelho, uma mão que sangrava de só saiu por entre uma fresta da porta. O portador daquela mão entoava um canto triste, uma elegia, uma antiga melodia que invocava alguma coisa triste. Tocou-lhe os dedos quase sem vida. Soproulhe um vento de esperança. O corpo caído sentiu a fragrância sem medo, abriu um pouco os olhos com a força que lhe era permitida. Teve receio de acreditar. Mas era verdade. Até ali, sentiu, estaria a salvo. A vida passou a correr-lhe pelas veias. O ânimo chegou-lhe com aquele toque. A música parou, o vento mais brando; na sua visão, o mar. O dia já descia e a visão do alto era prejudicada. Uma pergunta no ouvido caloulhe por toda a vida: você ainda me ama como diz? Olhou o colocutor da pergunta. Invadiu-lhe a alma e sacudiu nele poeira da verdade. Não havia necessidade de mentir nem de implorar. O sacrifício do corpo, o estado de alma, o inferno em vida, as flores da morte, o vento suspeito, os caminhos longos, a esperança desaparecida: tudo isso concorria para que o amor fosse exaltado. Sabiam que aquilo era improvável, mesmo depois de dez anos de vivência. O corpo caído engueu-se um pouco e ficou na altura da boca de Afonso. Este sentiu-lhe o perfume do hábito como se ainda há pouco o tivesse beijado e degustado, como amoras na boca, a língua que durante anos havia sugado em segredo. A pobre alma ali caída não poderia ser deixada, abandonada pela sorte que era de ambos. Tomou-o nos braços, o corpo fraco e magro. A condenação era sentida no castigo imputado àquele corpo debilitado. Abraçou-o fortemente. Pareceu-lhe por um instante sentir a alma caída da matéria. Ela quase saía daquelas vestes pesadas que impediam o corpo de caminhar. O dia caía, a noite chegava. Não havia mais como guardar tanto segredo nem como ser tão desumano com quem se ama. Sabia que não terminaria seus dias como quis. Mas havia de não se negar a amar a quem sempre o amou numa mútua relação de afeto. Disse-lhe: - Vou leva-lo para dentro, para meus aposentos. Ergueu-o, encostou-o em seu corpo e recebeu um beijo ainda apaixonado. O capuz caiu e o rosto do corpo até então não visto dava-se à mostra. O bigode ainda estava por fazer. O rosto franzino era de quem há muito vem sofrendo e passando fome. Era padre Sebastião que vestia aquele hábito. Sabia que não tinha escolha. Ou apelava para Afonso, o homem que ama, ou morreria à míngua na solidão de seu caráter religioso. Não suportou mais a clausura que havia imposto a si mesmo, numa tentativa de fugir do caminho do demônio. Parece que este venceu, foi mais forte, pois quanto mais se distanciou de Afonso mais saudade sentiu, mais o queria por perto. Abandonouse à sorte, não comia, não dormia: só sofria. A cantiga que entoava era a dor que chorava. Naqueles idos, lá pelos mil e quatrocentos, o que podia fazer era entregar-se à morte diante do homem a quem se entregou, a quem jurou fidelidade e a quem amava mais do que ao próprio cristo. Agora podia partir em paz. Os beijos dados, pelas circunstâncias de agora, seriam sentidos nos óculos a que eram obrigados, pela tradição, a cumprimentar o outro. A restauração da alma acontecia, então, numa outra esfera. Muito agradava a Sebastião o fato de se despedir das coisas nos braços de Afonso: "este aqui aportou, por não ter vindo foi vindo, e nos creou". Abrem-se os céus, ouve-se um belo e calmo canto, vê-se uma mão chamando, um mundo a se conhecer. Boa noite, Tião, despedia-se Afonso. Sebastião fechava os olhos lacrimejados. Mas aquilo não era sinal de morte. Apenas fechava os olhos na agonia de quem já não tinha mais forças e se entregava ao que acreditava ser. Deitou o fino pescoço sobre o colo do outro padre, respirava fracamente e ali mesmo entregava suas esperanças ao destino, como se o que viesse lhe acontecer já não mais importasse, uma vez que o objeto de seu amor não refratário ali havia lhe acolhido para testemunhar o último ato de amor que eles mesmos haviam provocado. O mundo escureceu, um frio repentino, nenhum soar de sinos.

OBS-CENO

Antonio de Pádua Dias da Silva

O que eu sentia era uma realidade estranha ao meu dia a dia. Nada ali parecia meu ou eu de verdade. Sentia ser um outro que me invadia e vivia por mim. Quando – pensava calado – até então havia tido consciência das coisas estranhas que sentia? Nunca soube. Jamais iria saber. Os segredos das flores não são revelados, nem ao mais puro mortal. Quantas flores, quais as cores, os cheiros, em que estações, sob que refrigeração ou clima, ninguém nunca sabe, porque quando menos se espera uma flor brota do chão, no meio das pedras, entre o logo, na parede, até mesmo no meio do asfalto. Por que haveria eu de saber o ciúme da alma, a agressão dos anjos, o ócio dos ignorados? Naqueles dias minha alma ficava prenhe. De vontade, de desejo, de coisas quentes. Um dia meu pai falou que tudo o que inventava não passava de marmota. Até hoje não consigo decifrar o significado do termo. Acho que nem em dicionário tem. Mas ficou para mim como se fosse uma besteira. Me enchia de uma coisa que não sabia explicar. Era assim. Bastava ver o homem que ficava todo pegajoso. Era algo meio nojento, porque as partes de baixo ficavam intumescidas, lubrificadas. A garganta ficava seca, boca molhada. Os olhos ficavam atentos, o cérebro sonhando. A bunda relaxada, o pênis solto na cueca se exibia todo seguro de si. E quando chovia, parecia que o mundo ia se acabar. Era clima perfeito para os sabores da carne aparecerem com tamanha gula. Vivia continuamente uma sangria desatada. Aquela sensação de bem-estar molestava minha vida, pois concomitante a essa sensação, o mal-estar sentido aparecia como vazio interno, de forma que nunca me compreendia e sempre estava à procura de. Para me ler, precisei de aulas de natação e afogamento: era preciso mergulhar na água, bem fundo na alma, lá dentro da lama, rente ao lodo; era obrigatório o afogamento térmico – não sei nem se isso é possível na língua das gentes: sair de uma temperatura e partir para outra, como no processo de pasteurização: só assim estaria protegido cem por cento das bactérias, vírus e outras referências negativas a corpos invasores que pudessem abduzir minha impessoada pessoa a não sei quê. Deitei-me para entender o sentimento do mundo que estava sendo projetado no meu corpo. Não haveria nenhuma dicotomia cartesiana ou newtoniana na interpretação do sujeito: corpo e alma, porco e lama seriam, então, a igualdade da equação x + y = z. Meus poros: são apenas meus poros. Os meus pelos nada mais são que pelos eriçados. Perturbado. Estranhamente perturbado. Toda vez, a cada vez, essa sensação. Diante do espelho, deitado na larga cama do quarto fechado: olho-me. Lanço-me como estranho do espelho que se espelha em mim. Não sei. Nenhuma relação com mulher no espelho de lewis carrol ou Lygia Fagundes Telles. Nada com narciso. Muito menos com o doutor lacan ou umberto eco. Mas eu me via sangrando durante o dia. Era como se estivesse menstruando. Sangria pior que a de ema bovary. Abria as pernas frente ao clarão especular: um belo par de pernas peludas. Coxas proporcionalmente grossas. No meio das pernas, a marca. Não estava ferrado. Queria ser ou estar sendo. Mas havia a marca: visível, irrerversível. O falo era a inscrição material do meu ser no universo simbólico. Ali eu via, naquele instante, apenas o pênis. Peludo. O saco endurecido, ora amortecido, mas firme e resistente: esperando o momento final. Tocava com calma os pelos. Acariciava o pau. Mexia na cabeça dele – enorme porção perfurante pronta para a batalha. Descia pelas laterais e tinha acesso às virilhas: ah! Lugar de comiseração! Ali o pecado era farto e eu me furtava a tal ímpeto, ora furtava de minha consciência aquele jogo e me lançava todo rumo ao que viesse. Trazia às narinas o cheiro de lá. Excitante. Tudo hoje está assim. Tudo lá era descontente. Quando tomava nas mãos: pelos, pica e saco – sobravam-me as virilhas e todo o meu corpo na posição xeque-mate. Deixava que cada porção dessas porções escapulisse pelas fendas das mãos: o cacete ia para a esquerda, o saco descia, os pelos retornavam ao lugar. Abria com mais audácia as pernas, suspendia a bunda sobre um pequeno travesseiro. Sem muita demora: o caminho pelo entre-lugar estava aberto: livre acesso, sinal verde – só para contrastar com o vermelho do sangue menstrual. Abria a bunda e via no meio das nádegas o furo molhado, o furo lubrificado, o furo pedinte. Era também aquilo que não entendia. Prostava-me passivo naquela cama esperando uma alma que pudesse violar meu corpo, que consentisse na pederastia. Que viesse! Estava pronto para transar! Descia o dedo e ele se afogava em meio a tanta carne que se mostrava como uma flor: externamente eu via um pequeno botão a exalar cheiro de cio e de nojo. Espetacular aquela visão: pequenas marcas de uso ao redor do aro; enorme marcas de desejos realizados. Ali, o ânus só pedia. Não: implorava. Desejava carne: apenas dura. Tinha que fazer alguma coisa. Sozinho naquele estado iria cometer algumas loucuras (de outras vezes já tinha tomado veneno de rato, uísque em demasia, mais de vinte cápsulas de diazepan, cinco pacotinhos de maconha e duas pedras de craque). Tinha qie apelar. Estava sem namorado fazia um bom tempo. Será que mulher sentia a mesma coisa? Necessitava de ser penetrada por qualquer homem, se ficasse também naquele estado? Não, não ligaria. Desligaria meus sentidos e deixaria o corpo descansar. Mas ele não queria. Ele me maltratava. Já tinha experimentado dedos lá dentro, masturbar-me, sentar sobre frascos vazios de desodorante rolom, inventar que chupava um cacete sem nada na boca. Nada feito. Nada disso tinha o mesmo sentido, os signos eram outros. Estava desmiotizando o lugar das coisas já estabelecidas. Foi quando, depois de muito me preparar para a humilhação, liguei para Alan. Tínhamos namorado por mais de oito meses, até que ele encontrou um professor de biologia e com ele foi embora, recebendo na mesma moeda a paga pelo meu abandono. Quis voltar depois, eu não o quis. Ficou com raiva e admitiu que nunca mais falaria comigo: que eu tivesse vergonha e mudasse de calçada quando o visse em algum lugar. Depois desse episódio liguei pra ele mais de duas mil vezes: ele me ouvia do outro lado da linha, sentia minha voz, sabia do meu amor, queria minha humilhação. Ria sarcasticamente e, depois de inutilizar todos os créditos do meu celular, desligava na minha cara, como para se vingar e me mandar me colocar no meu exatíssimo lugar, como sempre gostava de repetir. Teclei o 88246944. Liguei. Chamando. Deve estar reconhecendo meu número. Vai repetir a mesma atitude. Chamando. Antende. Antes de dizer alô, ouço-o se despedir de alguns garotos de vozes másculas (devem ser os novos bofes dele! Penso). Alô! Digo. Oi! Sérgio, manda lá! Ele sempre dizia isso. Alan, você tá muito ocupado agora? Triste cantada de quem está desesperado por uma trepada. Qualquer um entende. Quando todos os laços entre pessoas são desatados e num telefonema atendido procuram-se saber do tempo disponível do chamado, tá na cara: é uma cantada na certa. Melhor: é um aviso: socorro, me olhem, estou a ponto de explodir! Socorro, gostem de mim porque eu não me gosto mais! Tá querendo que eu vá aí ou tu vem aqui? Perguntou certeiro, na mosca. Vem! Respondi, exausto da espera por um cacete na boca. Não demorou quase nada, batia à porta do apartamento que tinha alugado desde que nos separamos. Entrou, esperou que eu fechasse a porta, tocou minha nuca, virou meu rosto e furtou-me uns dois quilos de beijos num único trago. Despiu meu ser cansado de esperar. Tocou tudo em mim. Sentiu minha bunda: molhada. O ânus: convidativo. Cheirou. Disse-lhe que não havia tido tempo de me banhar para ele, uma vez que veio rápido. Não importa, respondeu. Encostou-me na parede como só ele sabe fazer. Pediu para que eu empinasse a bunda. Deixava o corpo meio inclinado, mãos na parede. De baixo, ele tinha uma visão. Do alto, sentia: a boca morder minhas pernas, lamber minha bunda, penetrar meu ânus com a ponta afiada da língua que tinha. Cheirava o meio, abria o lugar central, atirava rajadas de saliva. Apressadamente se despiu, sem que eu percebesse. Quando menos espera, ele estava em pé, ouriçado, com a cabeça do pau toda molhada, mirando o meio traseiro de minhas pernas. Cedia mais: abria as pernas, empinava mais a bunda e esperava ele todo me varar de uma ponta a outra. Era o que acontecia. Ele sabia fazer deslizar todo aquele pau dentro de mim. Não havia machucão, rasgão ou sangramento. Só havia pau e couro fodendo num ritmo que me fazia grunhir de gozo. Depositava em mim uma porção suficiente de esperma que daria para providenciar vários embriões. Mas o meu útero é seco. Minhas entranhas são macho. Não há mandrágora que tenha poder sobre esse destino. O leite: coalha. Terra: infecunda, embora destemida para o prazer. E basta.